

**JOVINIANO JOSÉ REZENDE DE OLIVEIRA**

**FILOSOFIA E MOVIMENTO:  
CONCEITO, CORPO E CONSCIÊNCIA.**

Instituto Ligare de Terapias Corporais

Americana/SP

2015

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Força da Vida, Deus Pai e Mãe e aos meus queridos Mestres e amigos pelo constante apoio, orientação e suporte. Em especial à minha mãe Terezinha e minhas queridas irmãs Adelaine e Gislaine e meus sobrinhos.

Todo meu reconhecimento às minhas queridas amigas que são muitas, mas especialmente às que durante essa formação estiveram presentes dando muito estímulo. A querida Cléo de Paula, que além de carona se tornou um grande confidente e parceira. A querida Milena Fernandes que acabou de tabela aprendendo muito sobre caráter (risos). E a minha amiga querida Sheyla Diniz que teve paciência de acompanhar minha angústia de pesquisa e por revisar esse trabalho.

A todos os meus professores e supervisores, especialmente a orientadora dessa monografia a Grande Mestra Odila Weigand que acreditou nessa proposta, e também ao professor Dr. Adilson Nascimento que tem também orientou esse trabalho e aos pesquisadores do grupo OLHO da Faculdade de Educação da UNICAMP. Aos supervisores Maria Christina Soares e ao Carlos Marano que juntos deram contribuições preciosas para esse processo.

Ao toda equipe do Instituto Ligare de Psicoterapia Corporal que sempre me acolheu com muito carinho tanto as responsáveis Laine Pizzi e Ana Silvia, como as funcionários, especialmente Michele, Natália e Cícera.

Por fim agradeço ao meu grupo G9 que soube compartilhar as próprias angústias e também me fez compreender muito do que significa “estar junto”. Agradeço o apoio de todos os amigos que chegaram até o fim desse processo formativo: Paulo, Vanessa, Bianca, Daniela, Vânia, Talita, Fernanda, Sonia e a querida Cléo. E o apoio do nosso coordenador Gustavo que me acompanhou também durante algum tempo como psicoterapeuta. A todos meu reconhecimento e GRATIDÃO!

## RESUMO

Este trabalho é um resultado parcial de uma pesquisa em andamento, a proposta é adaptar os conteúdos da disciplina de Filosofia à realidade dos adolescentes do ensino médio da rede pública estadual. Para tanto, a sensibilização das questões filosóficas serão associadas com as vivências de consciência corporal, com o objetivo de dar mais significado ao processo de ensino e aprendizagem. As vivências são baseadas nos exercícios corporais da análise bioenergética, especialmente uma modalidade de trabalho corporal conhecida no Brasil como Grupo de Movimento. A Análise Bioenergética é uma abordagem terapêutica que busca a integração do corpo e da mente e a livre expressão dos sentimentos. Essa abordagem corporal é utilizada com o objetivo de relacionar os conflitos existenciais que originaram os problemas fundamentais da história da Filosofia, com as crises e desafios que emergem do cotidiano dos adolescentes. A partir dessa sensibilização, os conceitos filosóficos ganham maior significado para os estudantes, estimulando o pensamento crítico e o desenvolvimento humano.

**Palavras-chaves: Análise Bioenergética, Consciência Corporal, Educação e Filosofia.**

## SUMÁRIO

1 – ENCONTRANDO UM LUGAR PARA O MEU CORPO.....	5
2 – ENCONTRANDO UM LUGAR PARA O CORPO NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA .....	12
3 – A ANÁLISE BIOENERGÉTICA.....	16
4 – SENSIBILIZAÇÃO: O GRUPO DE MOVIMENTO COMO RECURSO PEDAGÓGICO .....	19
5 – METODOLOGIA .....	25
6 – PRIMEIRO ENCONTRO .....	26
Encontrando um lugar para o corpo: tornou-se o corpo a caixa de pandora? .....	26
O Mito de Pandora .....	26
Questionário da aula.....	31
Encontrando um lugar para o corpo: Tornou-se o corpo a caixa de pandora? .....	31
7 – SEGUNDO ENCONTRO .....	32
O Espanto ou Estranhamento: Admiração ou Curiosidade? .....	32
Grupo de Movimento – Faixa Ocular .....	34
Questionário da aula.....	37
Espanto e Estranhamento, admiração ou curiosidade? .....	37
Em grupo comente sobre as questões e registre a discussão do grupo.....	38
8 – TERCEIRO ENCONTRO: CONVERSANDO A GENTE SE ENTENDE?.....	39
Grupo de Movimento – “Conversando a gente se entende?” – A Faixa Oral.....	42
Questionário do Encontro: ‘Conversando a gente se entende?’ .....	44
9 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	45
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	51
BIBLIOGRAFIA.....	52

## 1 – ENCONTRANDO UM LUGAR PARA O MEU CORPO

O que me levou como um professor de Filosofia a querer incluir os exercícios de bioenergética, especialmente a dinâmica do grupo de movimento, como recurso didático em minhas aulas de Filosofia para adolescentes? Esse processo não aconteceu de repente ele traz consigo minha trajetória de busca pessoal de autoconhecimento que foi impulsionada pelo oráculo de Delfos: “conhece-te a ti mesmo”. Esse famoso dito socrático que ainda me acompanha foi o que me fez tornar-me um terapeuta corporal reichiano.

Com doze anos de idade, em 1992, assisti a um filme que foi capaz de me encorajar a seguir um chamado interno, foi *Irmão Sol e Irmã Lua*<sup>1</sup>. Enquanto assistia me emocionei muito, ao final do filme eu tinha certeza que iria seguir os passos de São Francisco de Assis. Em seguida procurei o telefone do bispo da minha cidade natal e consegui contatá-lo dizendo que gostaria de ser como São Francisco. Ele me inscreveu num encontro de pessoas com vocação similar, todavia como era muito jovem fui proibido pela minha família de ingressar na vida monástica. Com o tempo, e a busca incessante percebi que o carisma, ou a chama de São Francisco, nas ordens franciscanas atuais não era a mesma dos tempos de Assis. Mas o chamado continuava e me levou à inscrição no vestibular de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia/MG (UFU) em 1997. cursar Filosofia ainda é um pré-requisito comum na formação dos sacerdotes católicos. Na época essa vocação parecia bem definida, mas a congregação religiosa a qual pertenceria não. Nesse impasse resolvi fazer Filosofia fora dos seminários da igreja e ver onde meu coração encontraria ressonância para ficar.

Durante a formação laica em Filosofia, a leitura de Karl Marx, Jean Paul Sartre, Friedrich Nietzsche e outros pensadores me fizeram criticar e abandonar algumas convicções ideológicas da formação religiosa que recebera na infância e me dedicar à formação acadêmica. Pesquisei especialmente o pensamento ético e político do filósofo kantiano John Rawls, por meio do programa de iniciação científica que participei por dois anos e meio com apoio do CNPq e sob a orientação do Prof. Dr. Alcino Eduardo Bonella.

Atualmente os cursos de graduação em Filosofia no Brasil têm seu currículo baseado em grande parte na História da Filosofia e seus diferentes períodos. Isso é importante para uma compreensão do pensamento ocidental e conseqüentemente elaborar críticas

---

<sup>1</sup>*Brother Sun, Sister Moon*, ou *Fratello sole, sorella luna* é um filme ítalo-britânico de 1972 dirigido por Franco Zeffirelli, com trilha sonora de Riz Ortolani e canções de Donovan.

fundamentadas ao próprio processo civilizatório. Uma crítica presente nesse trabalho é a da desvalorização do corpo (sentir) e a supervalorização da mente (pensar) que pode ser percebida em nossa cultura ocidental e que já estão presentes desde a antiguidade.

A formação em filosofia me proporcionou o início de uma carreira acadêmica. Todavia o desejo de trabalhar com algo que estivesse ligado à espiritualidade num sentido amplo sempre foram muito presentes. Em 2001, tive meu primeiro contato com o hatha yoga e percebi que nessa prática havia a proposta de se unir o corpo, a mente e o espírito. Em 2003 e 2004 pertenci ao programa de mestrado em Filosofia, IFCH/UNICAMP, e ao mesmo tempo fazia minha formação como instrutor de hatha yoga e meditação, nessa mesma época, fui aluno do professor Dr. Adilson Nascimento de Jesus na Faculdade de Educação Física FEF/UNICAMP, na disciplina de práticas corporais, e também participava do GEDAN, grupo de estudos em dança, orientado por esse professor. Embora as práticas corporais (massagem, dança entre outras) fossem de grande importância no meu processo terapêutico e formativo, naquele momento não conseguia fazer a conexão necessária entre o que pesquisava no mestrado e a criatividade que emergia da minha vivência como instrutor de hatha yoga e terapeuta iniciante. Em 2005 ingressei como professor substituto de Filosofia (Estética e Ética) na Universidade Federal de Uberlândia onde lecionei durante dois anos e meio em vários cursos de graduação, inclusive no de artes visuais<sup>2</sup>.

Em 2007, após a defesa do mestrado e ainda como docente universitário, tive o primeiro contato com terapia corporal reichiana. Identifiquei-me com a abordagem reichiana, e foi fácil relacionar a teoria reichiana dos bloqueios nas chamadas couraças musculares<sup>3</sup> e caracteriológicas com os desequilíbrios dos chakras (centros energéticos do corpo) que já tinha estudado na linguagem do yoga. Nessa época, fiz uma formação curta (6 meses) na abordagem reichiana em Uberlândia/MG com Marilena Schneider. A respiração consciente

---

2A convivência com os estudantes artistas e a abertura que esses demonstravam às discussões tiveram como resultado além de trabalhos escritos no final da disciplina, performances de dança e pequenas exposições de pintura no período das aulas, foi uma experiência muito rica contar com a sensibilidade dos estudantes e integrar o processo criativo com a reflexão filosófica. Concomitantemente mantinha turmas abertas de hatha yoga para os alunos de artes cênicas e para a comunidade no prédio do curso de teatro, com o apoio da Prof. Dr. Yaska do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia - UFU.

3No capítulo, “Linguagem Expressiva da Vida” da *Análise do Caráter*, Reich apresentou um dos seus principais postulados para o trabalho corporal, que é a conexão entre o movimento expressivo plasmático e a expressão corporal (a contração se relaciona com o medo, e a expansão se relaciona com o prazer). Para Reich, os bloqueios do fluxo de energia ocorrem principalmente em sete segmentos: ocular, oral, cervical/musculatura profunda do pescoço, torácico, diafragmático, abdominal e pélvica (Cf. Reich, 1998: 329-359).

associada com os exercícios de *grounding*<sup>4</sup> e a centralização corporal da Análise Bioenergética passaram a fazer parte das minhas aulas de hatha yoga.

Em 2008 retornei à Campinas e me efetivei como professor de Filosofia na Rede Estadual, na qual trabalho um período dos meus dias. Atualmente divido meu tempo entre a Escola Estadual Coriolano Monteiro, na qual sou professor titular de cargo em Filosofia e a clínica terapêutica. A vivência com a terapia corporal como paciente e terapeuta me levaram a fazer uma formação de longa duração em Análise Bioenergética no Instituto Ligare de Psicoterapia Corporal de Americana/SP, a certificação CBT (*Certified Bioenergetic Therapist*) emitida nesse curso é reconhecida pelo Instituto Internacional de Análise Bioenergética IIBA (*International Institute for Bioenergetic Analysis*), fundado por Alexander Lowen<sup>5</sup>, discípulo de Wilhelm Reich.

Além de contar com minha trajetória e minha experiência como docente e terapeuta, esse trabalho fruto do projeto “Filosofia e Movimento” se tornou pertinente na minha prática pedagógica, porque incluir o corpo e as emoções na é fundamental na atividade docente que é um trabalho profissional em que a afetividade é mais exigida do que em outras profissões (Cf. Adorno, 1995:113). Para Adorno, na vida profissional do professor a separação entre o trabalho objetivo e o plano afetivo é mais difícil do que em outras profissões, por exemplo, o professor prepara a aula e o conteúdo a ser dado e tem uma expectativa de que os alunos aprendam, porém esse processo envolve elementos aquém desse objetivo prévio e imediato<sup>6</sup>.

A psicopedagoga Maria Christina de Souza Soares desenvolveu sua pesquisa em Análise Bioenergética sobre a prontidão emocional do educador. Ela defendeu que essa motivação é complexa porque parte de uma sensibilização prévia e “combina elementos como o amadurecimento e equilíbrio físico, intelectual e emocional do indivíduo frente aos seus sentimentos, às situações vivenciadas, à sua atuação social e profissional com responsabilidade, ética e afetividade” (Soares, 2004: 10).

---

<sup>4</sup>Não temos uma tradução específica para o termo *grounding*, a tradutora do livro *Medo da Vida: caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo*, Maria Silvia Mourão Neto esclarece que “*Ground* significa solo, chão, área, espaço, superfície, base, fundamento, entre outros sentidos. *Grounding*, ligação à terra. Em linguagem bioenergética, designa o contato com o chão e, a partir deste, a conscientização do corpo ‘bem plantado no chão’. O uso consagrou entre nós o termo na sua forma original” (Lowen, 1986:16).

<sup>5</sup>Lowen faleceu enquanto dormia em 28 de outubro de 2008.

<sup>6</sup>A Dr. Dora Elisa Tolosa desenvolveu sua pesquisa em medicina do trabalho para sua tese de doutorado com 1.819 professores da rede pública e particular de Jundiaí/SP e encontrou nos participantes sintomas típicos de doenças psicossomáticas como cansaço excessivo, fadiga e irritação, além de reclamações sobre dores de cabeça, problemas respiratórios e gastrointestinais (Cf. Tolosa, 2000). Em seu artigo, “Com Afeto”, Tolosa indica que: “o professor precisa de uma orientação emocional. As instituições de ensino devem entender que as relações dos professores com os alunos envolvem a questão emocional. Os docentes precisam de um espaço mais democrático para discutir seus medos, suas angústias, seus problemas” (Tolosa, 2000: 7).

Desde o início de 2011, após iniciar minha formação como psicoterapeuta corporal em Análise Bioenergética, tanto as leituras como as aulas teórico/práticas, e o próprio processo terapêutico baseado nessa abordagem modificaram minha atuação profissional como professor de Filosofia para um público adolescente. Atualmente tanto os adultos e especialmente os adultos estão fascinados pelas novidades tecnológicas, como celulares e aplicativos eletrônicos, e cada vez mais afastados das sensações corporais (Pizzi, 2014: 9). O *grounding* e a percepção de si proporcionada pelo trabalho corporal me levaram a novas maneiras de entrar em contato com os alunos, e ser menos diretivo e mais relacional.

Eu iniciei meu processo de conectar as emoções com as questões filosóficas em 2012. Uma das experiências foi realizada no segundo ano do ensino médio, os alunos tiveram uma boa recepção, o tema trabalhado foi “Tornar-se Indivíduo”, do *Caderno do Aluno* volume dois do currículo oficial do Estado de São Paulo. Essa situação de aprendizagem traz conceitos como os da “angústia”, “ser para si”, “má-fé”, “projeto” e “autonomia”, conforme pensados por Jean Paul Sartre. O conteúdo foi apresentado de forma a conectar as sensações corporais aos conceitos. Primeiramente perguntei aos estudantes o que eles podiam dizer sobre a angústia, em seguida em que local do corpo essa emoção poderia ser sentida de maneira mais presente, e também se essa emoção gera desconforto o que poderíamos fazer para que ela fosse aliviada. Inicialmente é fácil perceber a falta de conexão que os alunos têm com as emoções, e a dificuldade de conectar o que se pensa com o que se sente. Pensarmos sobre o que estamos sentindo ou acharmos que estamos sentindo é realmente sentir? Aos poucos os estudantes ofereceram nomes às sensações, localizaram o peito, falaram de “aperto no peito”, e de conflitos que geram angústia.

Após reconhecerem o sentimento e a discussão teórica, uma das atividades de avaliação foi a de elaborar uma narrativa em forma de história fictícia, em que um personagem adolescente passasse por uma situação de conflito existencial. Ao sentir angústia o personagem teria a opção de abrir mão de sua liberdade, e conseqüentemente agir de má-fé ou ter um projeto de vida baseado na escolha livre, ou seja, na autonomia.

Os textos revelaram muitos dramas existenciais comuns a essa fase do desenvolvimento e a realidade em que os estudantes do ensino médio estão inseridos, como o dilema das drogas, gravidez na adolescência entre outros. A elaboração do personagem fictício deu a licença poética necessária para abordagem do problema, mantendo a privacidade de cada um reservada. Alguns estudantes que já conheciam a maneira interativa das aulas,



após entregarem a atividade de avaliação se manifestaram perguntando: “o que essa historinha vai virar”? A proposta inicial era primeira elaborar um desenho, outra proposta era uma atividade de grupo em que todos compartilhassem suas histórias, em seguida uma história seria escolhida para possível encenação. Em 2012 foram apresentadas muitas narrativas escritas pelos estudantes, tanto em forma de teatro como em vídeo, em 2013 muitos montaram histórias em quadrinhos, já em 2014 e 2015, eles optaram por pequenas intervenções cênicas e vídeos em que eles mesmos atuaram.

No início de 2013 eu tive um insight do que seria meu projeto de monografia em Análise Bioenergética, eu poderia utilizar uma sequência de exercícios de bioenergética como um grupo de movimento e relacioná-los a uma questão filosófica. Afinal as grandes questões da história da Filosofia são questões humanas essenciais, por isso tocam a vida e o corpo. O projeto surgiu da necessidade em adaptar os conteúdos da disciplina de Filosofia à realidade dos adolescentes do ensino médio e conectar as questões trabalhadas e os conteúdos às vivências corporais que fossem capazes de dar significado ao processo de ensino aprendizagem.

Inicialmente eu pensei que fazer os encontros numa sequência que percorresse os principais segmentos corporais pensados por Reich: ocular, oral, torácico, diafragmático abdominal e pélvico. A abordagem reichiana é utilizada com o objetivo de relacionar os conflitos e desafios que emergem das fases do desenvolvimento humano com os problemas filosóficos que surgem de conflitos e crises ao longo do desenvolvimento da humanidade e que se apresentam como questões essenciais da história da Filosofia. A conexão entre as questões filosóficas com as fases do desenvolvimento é feita por meio do contato corporal com as faixas embrionárias ou segmentos energéticos, ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico que são os principais centros de energia na abordagem reichiana e a tensão presente nessas regiões do corpo que constituem bloqueios para o fluxo livre da energia corporal.

No início de 2013, apresentei essa proposta e o esboço de alguns encontros para a trainer internacional Profa. Mestra Odila Weigand em um workshop no Ligare no início de 2013, ao concordar que o grupo de movimento de fato poderia ser um bom recurso didático, ela começou a me orientar sobre esse trabalho de pesquisa.

Contei também com a orientação do Prof. Dr. Adilson da Faculdade de Educação que desde 2012 também começou a acompanhar meu trabalho. Apresentei a mesma proposta de *Filosofia e Movimento* para esse professor para um futuro projeto de doutorado em Educação. Ele se dispôs a me orientar, mas me alertou que antes de se desenvolverem os segmentos embrionários que se tornarão os segmentos energéticos, o que de fato ocorre é a formação do sistema nervoso. Dessa forma, antes de iniciar um trabalho com os olhos, era necessário esse contato inicial com o sistema nervoso e que a pele e o toque era a via por meio da qual isso poderia acontecer.

Na época eu não tinha uma questão filosófica para abordar a tema da pele e o toque, por perceber o distanciamento dos contatos humanos e que o corpo era um tema intocável para muitos filósofos, que recorri ao mito de Pandora para associar a caixa intocável ao corpo, que na nossa cultura foi esquecido e não pode ser alvo de nossa atenção. Algo semelhante ocorreu com o conteúdo da caixa de Pandora que não poderia ser aberta. Mesmo com o apoio da Profa. Mestra Odila e do Prof. Dr. Adilson, eu ainda não tinha ideia de como apresentar esse trabalho para a coordenação da escola.

Mas a sincronicidade aconteceu, em 2013 a emissora de televisão EPTV teve como tema de redação, “Viver, você tem medo do que?”, para o concurso de redação do projeto EPTV na Escola. No primeiro semestre os alunos falaram de seus medos no para a professora de Sociologia, a pedido da coordenadora. No segundo semestre a coordenadora pedagógica pediu uma intervenção prática para dar uma devolutiva aos alunos sobre os medos. Eu ainda estava escrevendo sobre o tema da pele e me preparando para aplicar somente com a terceira série do ensino médio, mas diante da angustia do grupo de professores eu contei para a equipe reunida o mito da caixa de Pandora. Foi quando associei o medo aos ‘males’ que saem da caixa, e a esperança a força que nos tira do congelamento corporal do medo e nos motiva a enfrentá-los. A narrativa do mito e o grupo de movimento era um projeto piloto somente para os terceiros anos. Mas se tornou um projeto para o ensino médio e foi contado em todas as séries, acompanhado de diferentes modalidades de vivência, desde música a um grupo de movimento nos terceiros anos. O trabalho realizado na minha disciplina com os terceiros anos se encontra do site: <http://filosofiaemovimento.tumblr.com/>.

Ter um planejamento prévio e ao mesmo tempo manter as possibilidades e estratégias em aberto tem sido um grande aprendizado em salas heterogêneas e com grande número de estudantes. Nesse sentido, o trabalho corporal que realizo tanto como paciente como terapeuta

é muito eficaz para manter uma postura de flexibilidade e contato com a realidade. É esse trabalho vivencial e a percepção de si fornecido pelo processo terapêutico da Análise Bioenergética que tem sido muito precioso para minha prática docente que comecei a compartilhar e verificar também sua eficácia em outras pessoas. Sem ignorar a influência das limitações externas (estrutura escolar) ou responsabilizar o professor pelo fracasso escolar, esse trabalho buscou oferecer uma alternativa para conectar a consciência corporal e as bases das relações interpessoais que compõe o processo de aprendizagem.

Além de contar com a vivência docente, e o processo teórico/prático da Análise Bioenergética, o projeto também se apoiou na ressonância entre a proposta de integrar as emoções no contexto educacional e a pesquisa realizada pelo Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus acerca da obra do psicanalista C. G. Jung. Na abordagem junguiana, “nossa mente inconsciente bem como nosso corpo, é um depositário de relíquias e memórias do passado” (Jung, 1987: 36). Nesse sentido, o conceito de *grounding* proposto por Lowen e Pierrakos tem relação com o processo de individuação proposto por Jung. Para os junguianos, o corpo é a primeira base do ego, sendo esse originário do arquétipo do Self, contendo elementos psíquicos e somáticos (Rodrigues, 2009: 86).

## 2 – ENCONTRANDO UM LUGAR PARA O CORPO NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Pode-se observar que os cursos de graduação em Filosofia no Brasil oferecem uma formação puramente intelectual; quase nada se fala sobre o *corpo*. A formação filosófica tem seu currículo baseado, em grande parte, na História da Filosofia e seus diferentes períodos. Isso é importante para uma compreensão do pensamento ocidental e, por conseguinte, para a elaboração de críticas fundamentadas ao próprio processo civilizatório. A desvalorização do corpo e a supervalorização da alma, que pode ser percebida em nossa cultura ocidental, estavam presentes desde a antiguidade. Não pretendo aqui fazer uma análise dos autores que irei mencionar, mas apenas apresentar um breve panorama sobre o como o corpo foi tratado na História da Filosofia.

Como resgatar um lugar do corpo na história da Filosofia? Será apresentado agora um breve panorama sobre como as questões relacionadas ao corpo e as sensações foram tratadas pelos filósofos, a fim de situar nossa proposta, não iremos aqui nos ater a uma escola filosófica, mas buscar um breve histórico sobre o tema.

Desde a origem da Filosofia, filósofos antigos, como Sócrates, por exemplo, insatisfeito com a concepção relativista da natureza humana disseminada pelos sofistas, buscou um conceito universal de homem. Para Sócrates, o bem mais valioso é o conhecimento da alma, para tanto é necessário ao homem conhecer a si mesmo. Platão, discípulo de Sócrates, herdou também do pré-socrático Pitágoras o dualismo corpo/alma, que estará presente na teoria platônica do conhecimento baseada na divisão da realidade em mundo sensível e mundo inteligível. Essa dicotomia fica evidente nas reflexões iniciais sobre a alma no diálogo *Górgias*, no qual o corpo é definido como o *locus* do mal, e a alma como a instância encarregada de dominar os possíveis males e conflitos que o corpo requer no mundo sensível (Feitosa, 2006: 13).

Essa dicotomia corpo e alma perpassam tanto o período medieval como a modernidade. No período medieval, o catolicismo se apropriou das ideias platônicas e conectou o corpo, e suas manifestações como os instintos e a sexualidade com o pecado, o mal e a imperfeição (Pinto & Jesus, 2000: 90). No período moderno, René Descartes é o principal representante do racionalismo moderno. O primeiro passo do método cartesiano é duvidar de tudo, inclusive da sua própria existência. Mas do que não se pode duvidar quando

estou duvidando? De que estou pensando, se duvido penso, “penso, logo existo” (Descartes, 2001). Nessa famosa afirmação Descartes radicaliza a dualidade corpo e alma e divide a natureza em dois reinos distintos o da mente (*res cogitans*) e o da matéria (*res extensa*) (Damásio, 1994). O racionalismo fortalece a perspectiva cindida do indivíduo, esse é identificado com um único aspecto do ser que é o intelecto. O racionalismo inspirou, por exemplo, o idealismo de Immanuel Kant que elaborou sua teoria utilizando da metáfora do edifício, sua maneira de pensar foi chamada de arquetônica da Razão. Kant dividiu a razão teórica em *a priori* (condições de possibilidade da experiência) e *a posteriori* (depois da experiência). O conhecimento “a priori”, para Kant é o fundamento seguro, ou alicerce da verdade (Kant, 1997: 16).

Várias foram às críticas ao racionalismo de Descartes e ao idealismo seja na sua forma subjetiva em Kant ou objetiva em Hegel, por exemplo, Marx criticará o idealismo elaborando uma forma de pensar conhecida como materialismo histórico dialético<sup>7</sup>, Nietzsche no discurso de Zaratustra defenderá o corpo como “a grande razão” (Nietzsche, 1992, p. 51). Freud indicou a repressão à sexualidade como dos males do processo civilizatório que colaborou para o aumento das neuroses (Freud, 1980).

O mundo contemporâneo desenvolveu, como se pode notar, um novo olhar sobre o *corpo*. Para Courtine, em termos teóricos, foi o século XX que inventou o corpo, ou a reflexão sobre o corpo. Freud foi fundamental nesse processo, pois, ao observar os sintomas físicos da neurose, como, por exemplo, a histeria de reversão, ele lançou uma espécie de axioma psicanalítico: “o inconsciente fala através do corpo” (COURTINE, 2011: 7). Reich, como discípulo de Freud, seguiu nessa mesma direção, defendendo que “o corpo é o inconsciente visível” (REICH, 1998). Já Jean Paul Sartre, influenciado pela fenomenologia e também pelo materialismo histórico dialético de Marx e Engels, defende que é a existência que precede a essência (Sartre, 1987). Nesses autores percebe-se uma reação aos modelos metafísicos que priorizaram a alma em detrimento do corpo, mas a tensão conceitual presente na dicotomia corpo/mente que pode ser também tomada como a tensão espírito e matéria ainda são atuais.

As descobertas da ciência contemporânea sobre o funcionamento do sistema nervoso, especialmente sobre o campo perceptivo e sua relação com os estímulos sensoriais e a reação

---

<sup>7</sup>Nos *Manuscritos econômicos filosóficos de 1844*, Karl Marx defendeu que o capitalismo privilegia o ter ao invés do ser, essa inversão dos valores é um dos fatores que estimulam a cisão do corpo, mente e emoções (Marx, 1993). Além disso, na sociedade capitalista avançada como a nossa, o culto ao corpo não coloca o corpo em sua integridade, mas como um objeto e as relações íntimas deixam de oferecer um contato profundo e passam a ser performáticas (Lowen, 1986).

cerebral, levaram o filósofo Merleau-Ponty a repensar o paradigma positivista que concebia a percepção como um instrumento para se apreender um dado objeto. Para propor uma nova forma de pensar a percepção, tal filósofo dialogou com a psicologia, especialmente com a Gestalt terapia, e com a arte. Em *Fenomenologia da percepção*, ele defendeu que quem realizaria a síntese cognitiva seria o sujeito encarnado, corporificado, “não é o sujeito epistemológico que efetua a síntese: é o corpo” (apud NOBREGA, 2008: 142).

Em *Vigiar e punir*, Michel Foucault critica o adestramento dos corpos pela educação, a qual teria instrumentalizado o corpo, não sendo capaz de levar o sujeito à autonomia. Em *Hermenêutica do sujeito* e no terceiro volume de *História da sexualidade*, Foucault realiza uma reflexão sobre o “cuidado de si” e o corpo. Foucault não pensa o “cuidado de si” a partir de uma visão dicotômica “corpo *versus* alma”, mas a partir de uma “unidade corpo-alma”. Ele resgata, portanto, uma visão grega antiga, para a qual o cuidado de si mantém laços estreitos com o pensamento e com a prática médica (BOLSONI, 2012: 9). Nessa perspectiva, a alma é vista como o sujeito que é capaz de agir para consigo mesmo. Contudo, como ninguém é capaz de cuidar-se sozinho, o corpo passa a ser visto não apenas do ponto de vista biológico, mas também histórico e social. Outra contribuição contemporânea que concebe a atividade filosófica como imanente à realidade corporal é a de Deleuze e Guattari, sobre essa forma de pensar a Filosofia que inclui o corpo e a experiência vivida, trataremos brevemente na metodologia utilizada nesse trabalho.

Um dos esforços contemporâneos em solucionar a tensão existente entre espírito e matéria foi realizado pelo médico e psicanalista Carl Gustav Jung. Em *Psicologia e alquimia*, Jung transpareceu esperança ao falar das descobertas da física atômica para estabelecer essa conexão entre corpo e mente (JUNG, 1990: 291). As impressões de Jung têm se tornado realidade. Pensadores contemporâneos, inspirados nas descobertas da física quântica e da neurociência, buscam um modelo que, ao invés de polarizar a dicotomia espírito e matéria, enaltecem sua complementaridade e interdependência. Dentre esses autores, menciono o modelo holístico de Capra, presente em suas obras como, por exemplo, *O Ponto de mutação* (1982), *O Tao da Física* (1983), e *A teia da vida* (1997). Cito, também, *O paradigma holográfico* (1982), de Ken Wilber, *O universo autoconsciente* (1998), de Amit Goswami, *A solução Heartmath* (1999), de Dona Beech e Doc Childre, e *Biologia da crença* (2011), de Bruce H. Lipton, entre outras. Esse grupo de teóricos geralmente trabalha com uma visão do ser humano em que “o universo deixa de ser visto como uma máquina, composta de uma infinidade de objetos, para ser descrito como um todo dinâmico, indivisível, cujas partes estão

essencialmente inter-relacionadas e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico” (CAPRA, 1982: 154). Nessa mesma abordagem podemos citar também *O Paradigma Holográfico* (1982) de Ken Wilber que ao invés de usar a metáfora da teia elaborada por Capra utiliza a do holograma, em que também todas as coisas estão interligadas. Para esses autores contemporâneos essa visão holística é mais adequada do que o do edifício da razão (kantiano) ou mecanicismo de Newton para se pensar como as coisas se relacionam no universo (cf. Wilber, 1982:122).Dentre essas abordagens teóricas que buscam entender o ser humano como um ser integral: corpo, emoções, mente e espírito está a Análise Bioenergética, que é uma proposta para integrar a cisão corpo e mente realizada na nossa sociedade<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> A civilização ocidental foi profundamente marcada pela tradição cristã que por sua vez foi influenciada pela cultura grega e judaica. Nessa perspectiva a própria espiritualidade se tornou um fenômeno meramente intelectual. Para Lowen, resgatar a espiritualidade do corpo é perceber que num corpo gracioso “sentimentos e pensamentos estão integrados” (Lowen, 1995, p. 13).

### 3 – A ANÁLISE BIOENERGÉTICA

A bioenergética como é conhecida é uma abordagem psicoterapêutica corporal que foi inicialmente desenvolvida por Alexander Lowen e John Pierrakos, ambos foram discípulos de Wilhelm Reich, psicanalista, que por sua vez foi discípulo de Sigmund Freud (fundador da psicanálise). A Análise Bioenergética combina no processo terapêutico o trabalho físico, emocional e mental (Pierrakos, 2006: 290). Essa abordagem atua no sentido de ampliar a capacidade respiratória, liberar as tensões musculares, aprofundar a experiência do sentir e desenvolver em paralelo o suporte para essas emoções liberadas (*grounding*). Amplia a consciência pessoal e a percepção da realidade visa à dissolução dos bloqueios de energia que impedem a expressividade e integração corpo/mente e espírito.

Qual é o fundamento e como se desenvolveu o trabalho corporal bioenergético? Em *Medo da Vida: caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo*, Lowen, reconheceu ter sido profundamente influenciado, pelas ideias de Reich, por esse ter sido seu professor de 1940 a 1953, e seu analista, de 1942 a 1945. Lowen acreditava que a grande contribuição de Reich para a teoria psicanalítica era “a análise do caráter juntamente com a técnica corporal da vegetoterapia” (Lowen, 1986: 160). No processo analítico dos conflitos psíquicos, Reich focalizava o caráter e não o sintoma neurótico. No domínio somático, a neurose se manifestava como tensões musculares em forma de couraças que perturbavam o funcionamento do sistema vegetativo, refletindo-se na respiração, mobilidade, e os movimentos involuntários de prazer do orgasmo. Lowen compartilhou o pressuposto reichiano de que a atitude corporal de uma pessoa corresponde funcionalmente à sua atitude psíquica. A Análise Bioenergética procurou ampliar o legado de Reich.

Para Lowen são três os pontos fundamentais da Bioenergética: primeiro uma compreensão sistemática da estrutura corporal, pois essa reflete as experiências vividas. Segundo o conceito de *Grounding*, ou ligação com a terra, as sensações de segurança e estrutura estão conectadas corporalmente a pernas e pés<sup>9</sup>. O terceiro ponto é que o processo

---

9 Desde a sua primeira obra, *O Corpo em Terapia: a abordagem bioenergética* (1958-1970), embora Lowen inove no procedimento terapêutico trabalhando com seus pacientes de pé, e não apenas no divã. Os primeiros capítulos dessa obra são dedicados à exposição da trajetória do método psicanalítico e suas falhas, e também para indicar em que a abordagem bioenergética avança no campo terapêutico. O autor menciona o psicanalista Ferenczi para corroborar o trabalho feito em pé com os pacientes. Para Lowen, quando Ferenczi disse: “análise a partir de baixo”, esse último estava indicando o processo de descarga dos esfíncteres, as pernas são como o alicerce para a estrutura do ego. Lowen afirmou: “começamos com as pernas e pés, porque constituem as bases e o suporte da estrutura do ego. Mas elas têm outras funções. É através das pernas e pés que mantemos em contato com a única realidade invariável em nossas vidas, a terra e o chão. Além de suas



analítico é coordenado ao processo corporal, por meio de “exercícios corporais ativos que visam fortalecer a postura, aumentar a energia, ampliar e aprofundar sua autopercepção e acentuar sua auto-expressão” (Idem, p. 17) 10.

O trabalho terapêutico da Análise Bioenergética é realizado a partir do corpo entendido “como um sistema energético delimitado e auto-sustentado que, para sobreviver, depende e está em constante interação com o seu ambiente” (Lowen, 1995, p. 13). A bioenergética era inicialmente baseada no modelo psicanalítico pulsional. Para Freud, a pulsão é capaz de fornecer a conexão entre o psíquico e o somático. Reich mesmo quando se separou do movimento psicanalítico, permaneceu coerente com a proposta inicial de Freud de buscar as raízes biológicas dos males do indivíduo. Lowen adotou a postura de Reich quanto às pulsões, energia libidinal e fluxo energético. Ele deu primazia ao trabalho com os bloqueios de sexualidade, ampliando a caracteriologia de Reich para uma compreensão mais adequada para o funcionamento da defesa psíquica. Muitas foram às críticas ao modelo pulsional, uma crítica bem fundamentada e aceita no meio psicanalítico foi a de Melane Klein, representante do modelo objetal. Atualmente esse paradigma tem como principais expoentes Winnicott e Bowlby (teoria do apego). Esse modelo desloca a questão da sexualidade do centro da organização psíquica, a sexualidade é apenas um dos elementos que compõe o amadurecimento que é foco central da terapia (Cf. Weigand, 2006: 29). A Análise Bioenergética assim como a psicanálise também tem assimilado o paradigma objetal e se constituído como uma abordagem terapêutica relacional, em que a sexualidade é apenas uma das formas de expressão de um ego saudável (Idem: 60).

A esposa de Lowen, Leslie Lowen desenvolveu os *ExerciseClass*, para dar suporte aos pacientes de seu marido. Essa série de exercícios está organizada no livro, *Exercícios de Bioenergética*, de autoria do casal. A prática dos exercícios em grupo foi difundida no Brasil, essa atividade coletiva aqui é chamada de grupos de movimento, falaremos mais sobre essa forma de trabalho corporal no próximo tópico desse trabalho (Gama & Rego, 1996).

Foi na década de 1980 que as psicoterapeutas Liane Zink e Miriam Campos organizaram os primeiros grupos de formação de terapeutas corporais e introduziram a

---

funções de suporte, equilíbrio, enraizamento, as pernas são as estruturas mais importantes na função de movimento corporal” (Lowen, 1977, p. 101 e 102).

10Em *Grounding e Autonomia*, Odila Weigand defende que o *grounding* é uma grande contribuição de Lowen para a psicologia, e muitas abordagens terapêuticas diferentes tem utilizado o enraizamento no corpo como base do *Self*(Cf. Weigand, 2006, p. 30 - 35). Em termos terapêuticos, estar em *grounding* significa estar em contato com a realidade e com a confiança na vida, ou seja, ancorar-se no verdadeiro *self*, já a falta de *grounding* nos coloca em contato com o falso *self*.

Análise Bioenergética no Brasil. Especialmente após a vinda de Lowen em 1989, as instituições que realizam as formações em Análise Bioenergética se organizaram, hoje em dia são duas instituições em São Paulo e outras cidades do interior paulista (Weingand, 2006, p. 16). Inclusive o instituto Ligare de Psicoterapia Corporal de Americana/SP, no qual realizei minha formação como psicoterapeuta corporal, que conta em seu corpo docente *trainers* internacionais do IIBA (International Institute of Bioenergetic Analysis) fundado por Alexander Lowen, entre eles Heiner Steckel, Liane Zink e Odila Weingand, que foram alunos do próprio Lowen.

## **4- SENSIBILIZAÇÃO: O GRUPO DE MOVIMENTO COMO RECURSO PEDAGÓGICO**

O objetivo do projeto Filosofia e Movimento é oferecer durante os encontros, ou oficinas, a conexão entre as questões filosóficas e a realidade cotidiana por meio da consciência corporal. Isso é feito por meio do contato corporal com a pele (toque, automassagem) e também com as faixas embrionárias ou segmentos energéticos sugeridos pela abordagem Reichiana: os segmentos ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico que são as principais regiões de tensão presentes no corpo, por isso constituem bloqueios para o fluxo livre da energia corporal.

Nesse sentido, as oficinas promovem um espaço para o contato corporal e propriocepção, e por meio da dinâmica em grupo é capaz de relacionar a vivência grupal a problemas fundamentais da história da Filosofia, como, por exemplo, nosso relacionamento interpessoal, o medo de enfrentar desafios, de ser mal interpretado em nossa comunicação, etc. A abordagem bioenergética nos auxilia a não só perceber os locais de mais tensão do corpo, mas também procurar aliviá-los, por meio do toque, dos exercícios de bioenergética, especialmente os de respiração e de *grounding*. A partir de uma postura corporal mais enraizada tanto discentes como docentes são capazes de se conectarem com os conflitos interpessoais e buscar soluções mais razoáveis. Os encontros com esse enfoque foram realizados desde 2012, em 2013 com o apoio da então coordenadora pedagógica Prof. Dr. Tacita Ramos da E. E. Prof. Coriolano Monteiro, e atualmente conta com o apoio da coordenadora escolar Christiane Beltrame, as oficinas foram desde o início bem aceitas tanto pelos discentes como pelos estudantes.

A análise bioenergética possui uma gama de exercícios e trabalhos corporais para o trabalho clínico individual, além da terapia de grupo. Mas esse recurso terapêutico não contempla nossa proposta, porque no projeto Filosofia e Movimento, a consciência corporal não é um fim em si mesmo, mas um meio para despertar ou “corporificar” as questões filosóficas. Nesse sentido, encontramos no trabalho de grupo de movimento o recurso mais adequado à nossa proposta.

Desde a década de 70, Alexander Lowen propunha a formação de grupos de exercícios tanto como complemento como manutenção do processo terapêutico (GAMA&REGO, 1996,

p. 14). No Brasil deve ser lembrado o trabalho de José Gaiarça que desenvolveu o “grupo sem palavras”, em que as pessoas se relacionavam por meio de comunicação não verbal, gestos e toques, os terapeutas eram facilitadores que serviam de exemplo para desinibir os participantes a facilitar a interação. No final da década de 70, Regina Favre, que teve contato com o trabalho de Lowen, Boyesen e Gaiarsa, propõe um trabalho que integrava várias abordagens corporais e foi a partir desse processo que evoluíram os grupos de movimento em São Paulo. Desde então, o treinamento de grupo de movimento passou a fazer parte da formação dos alunos da antiga escola reichiana Sedes Sapientiae, e ainda faz parte do treinamento dos terapeutas das escolas atuais como o Instituto Ligare, onde eu mesmo fiz minha formação como coordenador do grupo de movimento em 2013.

Qual é o objetivo do grupo de movimento? Diferente de um grupo de terapia que é focado nas questões existenciais dos participantes do grupo, o grupo de movimento procura levar “o participante a um processo de sensibilização e conscientização corporal, de modo a melhorar sua percepção de si mesmo” (GAMA & REGO, 1996, p. 18). Nesse sentido, esse trabalho de consciência corporal tem três funções: a terapêutica, a pedagógica e também social. A função terapêutica vem do seu lado preventivo e profilático, porque a propriocepção nos conecta com a linguagem expressiva do organismo e favorece a descarga energética e emocional. A função pedagógica e educativa é alcançada à medida que os participantes assimilam as informações sobre si e sobre os outros, e podem “reaprender” a se conectar com o ritmo natural do organismo, algo que as crianças o fazem naturalmente (Idem: 19). A função social do grupo de movimento se relaciona ao seu papel de promover a consciência corporal numa sociedade negadora do corpo. Para Reich nossa sociedade é repressora das emoções, da sexualidade e do prazer e essa repressão serve ao controle e a massificação psicocultural e socioeconômica, uma sociedade democrática pressupõe indivíduos livres e capazes de se expressar. No contexto do grupo o que percebemos é que exercícios básicos de contato com a respiração ou movimentos conscientes já surtem grande efeito de descoberta nos participantes, tenho percebido isso tanto com os adolescentes na escola como nos adultos na clínica. Dessa forma, esse trabalho leva os participantes “a perceber que além da cabeça existe um vasto e fascinante território, constituído por pés, pernas, quadril, barriga, peito, costas, coluna, pescoço, ombros, braços, mãos” (Idem: 21). Algo que parece simples de fato soa aos participantes como uma experiência de estranhamento e inusitada, devido à cisão corpo/mente vivida na sociedade atual.

Ora que a prática de grupo de movimento se apresente como algo necessário em nosso contexto sócio cultural tão dissociado do corpo, parece uma proposta razoável, mas em que ou como um grupo de movimento pode contribuir numa aula de Filosofia? Quando comecei a introduzir elementos da psicoterapia corporal nas minhas aulas de Filosofia, fui motivado inicialmente pela minha própria prática como coordenador de grupo de movimento, porque no contexto dessa modalidade de trabalho corporal os conflitos cotidianos aparecem e as emoções deixam de ser negadas e passam a ser reconhecidas e acolhidas, essa consciência corporal e emocional já é um grande passo rumo a integração entre pensar, sentir e agir. Durante a minha formação como analista bioenergético (CBT), tanto eu como meus colegas de turma fizemos muitos grupos com temas específicos. No início de 2013 tive um *insight* de elaborar sete sessões de grupo de movimento, cada encontro dedicado a um dos segmentos apresentados por Reich e conectar os bloqueios ou conflitos relacionados com esse segmento (fase do desenvolvimento) com uma questão fundamental da história da Filosofia. Como sou professor de Filosofia numa escola pública e tenho estudantes adolescentes, o grupo de movimento por ter um caráter dinâmico tornaria a questão filosófica mais conectada com o cotidiano.

Muitas questões foram surgidas nesse processo, por exemplo, qual é a conexão entre a motivação dos estudantes e sua prontidão emocional para compreender e enfrentar os conflitos da adolescência? Tendo em vista que o relacionamento interpessoal e o afeto são elementos de um aprendizado significativo (Tolosa: 2003). Com esse processo que associa a questão filosófica a um grupo de movimento focalizado no problema filosófico é possível refletir também sobre algumas questões da relação de aprendizagem, por exemplo, como pensar em empatia na sala de aula se tanto educador como estudante não estão realmente em contato com suas emoções, ou seja, não estão com *grounding*? Como a dinâmica do grupo de movimento pode favorecer de fato uma percepção corporal e a integração corpo/mente e ser um diferencial na compreensão das questões filosóficas apresentadas nos encontros?

Quando o professor Adilson Nascimento atentou-me sobre a formação do sistema nervoso e o toque, ele me indicou a leitura do livro “Tocar”, de Montagu. O próximo passo seria encontrar agora qual a questão filosófica que eu poderia conectar com o toque... O ponto de partida seria apresentar a consciência corporal como um caminho para dar acesso ao pensamento crítico. A primeira oficina desse projeto foi dedicada ao contato com o corpo. O mito de Pandora é apresentado como uma metáfora sobre o corpo, que não pode ser tocado ou

aberto. De acordo com o Prof. Dr. Adilson, “ao aprofundarmos na ideia do que signifique o termo vivência, esbarramos no mito como um dos alicerces formadores do fenômeno da consciência humana” (JESUS, 1992: 22). Essa primeira oficina do projeto Filosofia e Movimento têm como tema: “Encontrando um lugar para o corpo: Se tornou o corpo a caixa de Pandora?” Em 2013, tal experiência se transformou como uma saída para o medo, e foi utilizada no projeto interdisciplinar “Você tem medo de quê?”, na E. E. Prof. Coriolano Monteiro. Em 2014, para redigir minha monografia as oficinas foram realizadas apenas com o Terceiro Ano A da mesma escola, essa turma que preencheu os termos de consentimento livre, participou da elaboração de meu trabalho de conclusão de curso (CBT) e certificação como analista bioenergético. Nessa turma também apliquei a oficina “O Espanto ou Estranhamento: Admiração ou Curiosidade” que relacionei com a faixa ocular, um escopo da oficina se encontra no meu blog: [www.filosofiaemovimento.tumblr.com](http://www.filosofiaemovimento.tumblr.com). A última oficina que apliquei tem relação com a faixa oral, e a relacionei com a questão da racionalidade e da comunicação, o tema da oficina é “Conversando a gente se entende?”.

Ao me dedicar sobre o tema do ensino de Filosofia no ensino médio, encontrei trabalhos atuais como o Prof. Dr. Silvio Gallo da Faculdade de Educação da Unicamp. Esse professor realiza uma discussão crítica muito interessante sobre a presença da disciplina de Filosofia no ensino médio, principalmente porque uma das justificativas da presença dessa disciplina na grade curricular é a de que a Filosofia seria responsável pela reflexão crítica, mas essa justificativa não procede porque a crítica não é uma atividade exclusiva da disciplina de Filosofia. Outra justificativa seria que a Filosofia é uma disciplina necessária ao exercício da cidadania (LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9394/96). Nesse viés a Filosofia é vista com um instrumento de aprendizagem e não como um fim em si mesmo. Essa visão instrumental que coloca a reflexão filosófica a serviço de algo é resultado de um currículo voltado para a Ciência e que despreza as potências da Arte e da Filosofia (Gallo, 2006: 22).

Gallo encontra na obra *O que é Filosofia?* de Gilles Deleuze e Felix Guattari, uma forma de pensar o currículo considera tanto o potencial do pensamento funcional da ciência como do pensamento perceptual e afetivo da arte. Nessa forma mais integrada de ver o currículo a definição de filosofia de Deleuze e Guattari, ao invés de instrumentalizar a Filosofia, é capaz de justificar a presença da Filosofia na escola, por uma atividade que somente a Filosofia é capaz de fazer, em *Conversações* Deleuze sintetiza o que seria a atividade genuinamente filosófica: “a filosofia consiste sempre em inventar

conceitos”(Deleuze, 2013: 174). A atividade reflexiva como criação de conceitos é algo exclusivo da Filosofia. É fundamental para a formação dos estudantes terem contato com essa forma de pensar no ensino médio, porque aqueles que continuarem seus estudos num curso superior, provavelmente se especializarão em suas áreas profissionais, por isso é fundamental a presença da Filosofia no ensino médio, ela é uma experiência singular de pensamento (Gallo, 2006: 22).

Gallo se inspira na definição deleuze-guattariana para pensar a aula de Filosofia como uma “oficina de conceitos”. Para Deleuze e Guattari: “o filósofo é o amigo do conceito, ele é o conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. (...) Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia (Deleuze; Guattari, 2013: 11). Nesse sentido, a filosofia não é apenas o depósito de conceitos da história da Filosofia, mas genuinamente uma atividade criativa. Em *Conversações* Deleuze comentou sobre a castração que sua geração sofreu pela história da Filosofia, ou seja, o filósofo não pode dizer nada em seu próprio nome a não ser que se submeta à história da Filosofia (Deleuze, 2013: 14). Inspirado na perspectiva de Deleuze e Guattari, o professor Gallo defende que o filósofo, por estar “encarnado e vivendo num mundo concreto, enfrenta problemas vitais, mergulha no caos e busca a criatividade que lhe permite inventar conceitos que ajudem a dar uma forma racional ao problema vivido, podendo assim encontrar soluções”. E a história da filosofia, mais do que um inventário cronológico das soluções, é como um arsenal, um repositório dos conceitos criados, que podem ou não servir como ferramentas, instrumentos para nosso próprio pensamento (Gallo, 2006: 24). Nessa perspectiva o conceito é algo que nos “põe a pensar”, é um dispositivo que é criado a partir de condições reais. Uma aula de filosofia passa a ser uma oficina de conceitos à medida que tem um caráter prático, investigativo, dinâmico, um espaço no qual os conceitos são experimentados. Deleuze e Guattari, veem no caos do cotidiano, não um local de desordem, mas como um espaço de questões vivas e possibilidades. Nesse sentido o “crivo filosófico, como plano de imanência que recorta o caos, seleciona movimentos infinitos do pensamento e se movimenta com conceitos formados como partículas consistentes que se movimentam tão rápido como o pensamento”. (Deleuze; Guattari, 2013: 140). Dar aula de Filosofia é promover nos estudantes uma experiência do pensamento que tanto lida com os conceitos criados na história da Filosofia como também pode compreendê-los e recriá-los e, além disso, até mesmo criar os próprios conceitos.

Nessa perspectiva do processo criativo, Gallo sugere três etapas para uma “oficina de conceitos”. O primeiro passo é a sensibilização; o segundo é a problematização; o terceiro é a conceituação. Por meio dessas etapas, os estudantes serão capazes de vivenciar um problema filosófico. A sensibilização é a etapa da empatia, ou seja, os estudantes percebem que são afetados pelo problema; esse é o momento de “fazer com os estudantes vivam, ‘sintam na pele’ um problema filosófico a partir de um elemento não filosófico” (GALLO, 2006: 27). Uma sugestão é usar um conto, um filme, um desenho animado, algo que comunique com os estudantes na linguagem da sua fase de desenvolvimento e universo cultural. A Filosofia procura sempre problematizar; mas, se um problema não for um problema evidentemente vivido pelos estudantes, ele não será compreendido. Por isso, a sensibilização é a etapa anterior à problematização; “a sensibilização é o componente afetivo com o tema trabalhado” (GALLO, 2007). Sem a percepção do problema não há processo filosófico possível, e os estudantes bem sensibilizados irão perceber o problema como parte da vida real, e não simplesmente como um conceito alienado do cotidiano no qual estão inseridos.

A partir dessa metodologia ou estratégia didática, o grupo de movimento se apresenta como sendo um recurso pedagógico muito poderoso, pois por meio das dinâmicas de grupo, os estudantes são capazes de ‘sentir na pele’ o problema filosófico. O contato e o vínculo entre os participantes são fortalecidos, tendo em vista que numa vivência o relacionamento interpessoal e o afeto são elementos de um aprendizado significativo (TOLOSA, 2003).



## 5 – METODOLOGIA

Como tenho desenvolvido os encontros do projeto Filosofia e Movimento? As oficinas têm seguido uma estrutura geral. Primeiramente, apresento o problema filosófico. Em seguida, no Grupo de Movimento os estudantes são levados a se sensibilizarem com a questão ou com o tema apresentado. Viso, nesse processo, possibilitar a reflexão sobre questões filosóficas, com o intuito de possibilitar que o estudante crie elos entre suas sensações e impressões, promovidas pela dinâmica, e o tema ou problema filosófico apresentado.

Na disciplina “Sonho é Criação” em 2012, o professor Adilson Nascimento de Jesus disse que “uma aula não é uma terapia, mas pode ser terapêutica”. Durante os encontros com os alunos em que abordagem corporal foi diretamente utilizada, os participantes tiveram a oportunidade de entrar em contato com suas emoções e integrá-las em seu cotidiano. Na Análise Bioenergética, um grupo de movimento não é uma terapia de grupo na qual é necessário um vínculo maior e mais horas de trabalho, mas um grupo em que o contato corporal favorece um acesso genuíno às emoções, o reconhecimento, o acolhimento e integração das mesmas no cotidiano.

Os encontros cujo conteúdo segue nos próximos tópicos foram realizados na forma de observação participante (Martins; Bicudo, 1989), utilizando-se de recursos como anotações em diário de campo, e questionário semiestruturado, acompanhado do termo de consentimento livre e assistido, que se encontro como anexo no final desse trabalho, nisso a identidade dos participantes é preservada na análise de resultados. Os tópicos 6, 7 e 8 que seguem abaixo descreverão na íntegra os textos entregues aos estudantes, bem como a sequência de exercícios do grupo de movimento e o questionário sobre cada oficina.

Tenho percebido por meio dos depoimentos, que as turmas que passam pelo processo da vivência têm uma compreensão mais profunda dos conceitos, isso favorece a problematização e uma conceituação mais clara e crítica das questões filosóficas, porque os estudantes conseguem relacionar mais facilmente o problema filosófico com o cotidiano. Isso favorece nos estudantes o desenvolvimento intelectual, afetivo e, certamente, refletirá nas suas relações interpessoais, ou seja, na sua participação na vida em sociedade.

## 6 –PRIMEIRO ENCONTRO

### **Encontrando um lugar para o corpo: tornou-se o corpo a caixa de pandora?**

Nossa sociedade ocidental negligenciou os sentidos... E o tato foi colocado em último plano. “Para se comunicar, o mundo ocidental terminou por se apoiar maciçamente nos ‘sentidos de distância’, visão e audição: quanto aos sentidos de proximidade, paladar, olfação e tato, em grande parte proscreeu o último” (Ashley Montagu no Prefácio de *Tocar: O significado Humano da Pele* ).

**Todavia o tato é a matriz de todos os sentidos, a pele “é o mais antigo e sensível de nossos órgãos, nosso primeiro meio de comunicação, nosso mais eficiente protetor.** (...) o tato é a origem de nossos olhos, ouvidos, nariz e boca”. A muito tempo o filósofo Bertrand Russel disse que o tato é a sensação que mais nos confere sensação de realidade, para ele “não apenas nossa geometria e nossa física, mas toda nossa concepção do que existe fora de nós, baseiam-se no sentido do tato. Transpomos este fato inclusive para nossas metáforas –uma colocação bem feita é ‘sólida’, uma afirmação ruim é furada porque a sentimos intangível, não muito ‘real’”. (apud: *Tocar* p. 30).

**No cotidiano quando a pessoa não está conectada consigo e com a realidade dizemos: “essa pessoa não se toca”, ou seja, ela não percebe a vida de maneira real ou adequada.**

E nosso corpo como fica numa cultura que prioriza o pensar e não o sentir, que valoriza a aparência e não os valores da essência como verdade, paz, retidão e respeito?

Para ajudar nessa reflexão **vamos recorrer a uma narrativa mitológica, como recurso para essa discussão** e não para uma análise aprofundada do mito e suas nuances.

### **O Mito de Pandora**

Prometeu, deus cujo nome em grego significa “aquele que vê o futuro”, doou aos homens o fogo e as técnicas para acendê-lo e mantê-lo. Zeus, o soberano dos deuses, se enfureceu com esse ato, porque o segredo do fogo deveria ser mantido entre os deuses. Por isso, ordenou a Hefesto (deus do fogo e habilidades técnicas, dos metais e da metalurgia), que

criasse uma mulher que fosse perfeita, e que a apresentasse à assembleia dos deuses. Atena, a deusa da sabedoria e da guerra, deusa da estratégia em guerra, da civilização, da sabedoria, da arte, da justiça e da habilidade, vestiu essa mulher com uma roupa branquíssima e adornou-lhe a cabeça com uma guirlanda de flores, montada sobre uma coroa de ouro. Hefesto a conduziu pessoalmente aos deuses, e todos ficaram admirados; cada um lhe deu um dom particular:

Atena lhe ensinou as artes que convêm ao seu sexo, como a arte de tecer;

Afrodite lhe deu o encanto, que despertaria o desejo dos homens;

As Cárites, deusas da beleza, e a deusa da persuasão ornaram seu pescoço com colares de ouro;

Hermes, o mensageiro dos deuses, lhe concedeu a capacidade de falar, juntamente com a arte de seduzir os corações por meio de discursos insinuantes.

Depois que todos os deuses lhe deram seus presentes, ela recebeu o nome de Pandora, que em grego quer dizer “todos os dons”.

Feita à semelhança das deusas imortais, destinou-a Zeus à espécie humana, como punição por terem os homens recebido de Prometeu o fogo divino.

Finalmente, Zeus lhe entregou uma caixa bem fechada, e ordenou que ela a levasse como presente a Prometeu. Entretanto, ele não quis receber nem Pandora, nem a caixa, e recomendou a seu irmão, Epimeteu, que também não aceitasse nada vindo de Zeus. Epimeteu, cujo nome significa “aquele que reflete tarde demais”, ficou encantado com a beleza de Pandora e a tomou como esposa. Epimeteu tinha em seu poder a Caixa de Pandora que outrora lhe haviam dado os deuses, que continha todos os males. Avisou a mulher que não a abrisse. Pandora não resistiu à curiosidade. Abriu-a e os males escaparam...

Da caixa de Pandora escaparam a Senilidade, a Insanidade, a Doença, a Inveja, a Paixão, o Vício, a Praga, a Fome e todos os outros males, que se espalharam pelo mundo e tomaram miserável a existência dos homens a partir de então. Epimeteu tentou fechá-la, mas só restou dentro a Esperança, uma criatura alada que estava preste a voar, mas que ficou aprisionada na caixa [...] e é graças a ela que os homens conseguem enfrentar todos os males e não desistem de viver.

**Adaptado de *Vivendo a filosofia* (Chalita, 2004, p.26) e trechos de Hesíodo “Os trabalhos e os dias” e “Teogonia”.**

Grupo de Movimento: A caixa de Pandora

Pedir o desenho da pessoa no início das atividades.

A proposta do grupo de movimento é sensibilizar o grupo para perceber como perdemos nosso contato com o corpo e as emoções, e essa alienação fez de nosso corpo uma caixa de pandora intocável.

Inicialmente os alunos são estimulados a caminhar pela sala e sentir ali como um lugar seguro e se situar no espaço.

Em círculo iniciamos com um trabalho nas articulações com movimentos circulares de rotação leve nos calcanhares, joelhos, cintura, ombros, mãos e pescoço seguidos de respiração mais profunda.

Começamos em seguida a perceber nosso Espaço, de pé procuramos abrir os braços e ver a dimensão deles, com as palmas das mãos voltadas para fora, percebemos o alcance do braço e aos poucos a dimensão de alcance deles até onde ele vai, aos poucos procure encontrar o limite deles de forma circular.... Isso ocorre acompanhado da pergunta : “Como é isso na sua vida”?

Em seguida é feito um trabalho de dupla, como nossa pele representa nosso limite de separação com o ambiente. Vamos fazer um exercício em que uma pessoa da dupla será o invasor e o outro vai procurar se defender em seu próprio limite. Isso é feito de forma suave só para perceber os limites de Espaço. Um de frente para o outro, em silêncio, o invasor

procura entrar no limite do outro com braços estendidos e palmas das mãos para fora e tentando entrar no campo delimitado pelo outro, o invadido procura se defender também da mesma forma com braços estendidos e palmas das mãos para fora... Depois de em média um ou dois minutos, ocorre a troca entre a dupla... O invasor passa a ser invadido, isso depois de em média um ou dois minutos... Os dois param e sem dizer nada respiram e constroem seus limites.

Questão para o grupo: Perceba em qual parte do corpo você se sustentou para se defender. Você utilizou mais os braços, as pernas? Você pensava antes de agir ou agia por impulso e depois pensava?... Silêncio....

Compartilhe agora com sua dupla como foi sua experiência tanto de invadir como se defender?

Dois minutos de partilha em média...

Ao abrir a caixa Pandora teve contato com muitas coisas que vieram como medo insegurança... Mas a Esperança é aquela que ficou que deu suporte para seguir em frente.

Compartilhe com seu colega em qual do corpo você se apoiou para dar suporte e sustentação para o movimento relacione isso ao tema da Esperança e da sustentação no seu corpo. Onde você se apoiou e confiou? Como é isso na sua vida?

Apresentação do *GROUNDING* – Um estudante é convidado para realizar um teste de firmeza e força muscular. Inicialmente é solicitado ao estudante que ele simplesmente fique parado. Em seguida o coordenador do grupo de movimento pressiona suavemente o ombro do estudante e pede para ele perceber o quanto está forte e firme o suficiente para resistir a pressão exercida. Após esse registro perceptual o grounding é apresentado. Peça para que o estudante mantenha-se a postura de pé com os pés afastados a distância dos ombros, as pontas dos pés voltadas para frente, com os joelhos um pouco flexionados de forma a estruturar melhor o próprio corpo e sentir os pés mais firmes no chão. Novamente faça o teste de

pressão no ombro e pergunte se ele ou ela sentiu alguma diferença, ou aumento de força ou firmeza.

Vamos retomar os exercícios de invadir e ser invadido e perceber o nosso espaço a partir dessa estrutura... Trocamos como na primeira vez... Você percebeu diferença?

Ainda em dupla, ao retomar a distância confortável entre si, é feita a seguinte pergunta:

“Como você gostaria de ser tocado?”

Cada pessoa fala em voz alta o tipo de toque que gostaria de receber...

Por fim, um de cada vez oferece com as mãos esse toque ao seu parceiro, a experiência é tocar o outro como gostaria de ser tocado.

Depois disso a dupla se agradece mutuamente.

Voltamos para o círculo para finalizar em *grounding*, e experimentamos os quatros tipos de toques. Primeiro o toque com o ar soprando o corpo... O toque com o fogo com palminhas agitadas... o toque como água como um dedilhar ... O toque como a terra com mais firmeza e dando tónus na musculatura e contorno corporal.

Finalizamos com respirações profundas e deixando a energia fluir para os pés e relaxando.

## Questionário da aula

### Encontrando um lugar para o corpo: Tornou-se o corpo a caixa de pandora?

Nome: ..... n. ....Série: .....

Após ouvir a narrativa do mito e do grupo de movimento responda:

- 1) Você já tinha relacionado a história da caixa de pandora com as emoções e as sensações do seu corpo?
  
- 2) Percebeu alguma mudança no seu corpo com o grupo de movimento? Se sentir alguma mudança, qual foi a mudança?
  
- 3) Nós trabalhamos exercícios de percepção corporal e limites para encontrar nosso espaço, no dia a dia você tem se percebido e encontrado seu espaço na vida?
  
- 4) Na dinâmica em que trabalhamos a defesa e a invasão, o que foi mais difícil?
  
- 5) Em que parte do corpo inicialmente você se sustentou? (relacione isso com esperança)
  
- 6) Você conhecia o exercício de grounding (enraizamento)? Sentiu diferença em sua estrutura corporal depois de fazê-lo?
  
- 7) Por fim realize um reflexão sobre o mito e o grupo de movimento tendo em mente a seguinte questão: “O que eu levo daqui hoje para minha vida?”

## 7 –SEGUNDO ENCONTRO

### O Espanto ou Estranhamento: Admiração ou Curiosidade?

Durante a Ditadura Militar, a disciplina de Filosofia foi excluída do curriculum dos estudantes de ensino médio. Em 2008 com a aprovação do MEC - Lei 11.684, a Filosofia retornou para as escolas como disciplina obrigatória para os estudantes, uma das justificativas de retornar a disciplina de Filosofia para o Ensino Médio é a formação da consciência crítica dos estudantes.

Mas como desenvolver essa atitude filosófica diante do mundo como saber se minha atitude é realmente crítica?

Para Marilena Chauí, a atitude filosófica realiza em sua prática as características da palavra crítica que em sua origem grega significa: “1) capacidade para julgar, discernir e decidir corretamente; 2) ‘exame racional de todas as coisas sem preconceitos e sem prejulgamento’; 3) ‘atividade de examinar e avaliar detalhadamente uma ideia, um valor, um costume, um comportamento, uma obra artística ou científica’” (Chauí, p.19).

Nesse sentido a célebre máxima de Sócrates “só sei que nada sei”, indica a aceitação consciente do ‘não saber’ para se superar a ignorância ou falta de consciência para empreender a buscar a verdade. Platão discípulo de Sócrates chama essa atitude inicial de admiração, já Aristóteles chama esse olhar para o mundo de espanto (Idem). A palavra usada por Aristóteles em grego foi “thaumazein”, e é esse espanto ou estranhamento que desencadeia a atitude filosófica.

Chauí diferencia a atitude filosófica como contrária a atitude dogmática, porque o ponto de vista dogmático vê o mundo como dado, feito, como uma moldura onde nos instalamos e passamos a existir, e todos os fenômenos que saem desse padrão são excêntricos e constituem uma exceção da regra ou parâmetro de normalidade. Essa atitude é confrontada e rompida com o aparecimento do estranhamento diante de coisas que nos parecem familiar. (Cf. Chauí, p. 110 e 111).

O filósofo se questionará sobre um mundo de uma forma incomum, já que o senso comum ou opinião da maioria pode inicialmente ser aceito pelo buscador da verdade, mas com devida reflexão pode reproduzir julgamentos falsos ou preconceitos.



Para Aristóteles, foi pela admiração (thauma) que os homens começaram a filosofar tanto no princípio como agora; perplexos, de início, ante as dificuldades mais óbvias, avançaram pouco a pouco e anunciaram problemas a respeito das maiores, como os fenômenos da Lua, do Sol, e das estrelas, assim como da gênese do universo. E o homem que é tomado de perplexidade e admiração julga-se ignorante; portanto, como filosofavam para fugir à ignorância, é evidente que buscavam a ciência a fim de saber, e não com uma finalidade utilitária.

#### VOCABULÁRIO:

**Admiração** – é o assombro, surpresa, perplexidade ou espanto diante de uma situação. Na Filosofia, a “admiração” ou “espanto” é o princípio fundamental para começar a filosofar, ou seja, é um processo atrativo através do qual não passamos indiferentes perante qualquer coisa, colocando-nos em movimento, partindo de coisas simples para coisas mais complexas. Assim, admirar-se perante qualquer coisa é ter a capacidade de problematizar o que parecia evidente, procurando esclarecer o que se apresenta como obscuro.

**Filosofia** (do grego *philos*: que ama + *sophia*: sabedoria, «que ama a sabedoria») é a investigação crítica e racional dos princípios fundamentais.

**Parte prática:** exercícios para o segmento ocular, alguns dos exercícios abaixo se encontram no livro *O Manual de Autocura: Método Self Healing*, e outros eu aprendi na formação em Análise Bioenergética.

**Vídeo Documentário:** “Janela da Alma” [http://www.youtube.com/watch?v=56Lsyci\\_gwg](http://www.youtube.com/watch?v=56Lsyci_gwg)  
Dirigido por João Jardim, Walter Carvalho com Wim Wenders, Agnès Varda, Hanna Schygulla e outros, Gênero: Documentário, Nacionalidade: Brasil.

Comentário do vídeo: Dezenove pessoas com diferentes graus de deficiência visual, da miopia discreta à cegueira total, falam como se vêem, como vêem os outros e como percebem o mundo. O escritor e prêmio Nobel José Saramago, o músico Hermeto Paschoal, o cineasta Wim Wenders, o fotógrafo cego franco-esloveno Evgen Bavcar, o neurologista Oliver Sacks, a atriz Marieta Severo, o vereador cego Arnaldo Godoy, entre outros, fazem revelações pessoais e inesperadas sobre vários aspectos relativos à visão: o funcionamento fisiológico do olho, o uso de óculos e suas implicações sobre a personalidade, o significado de ver ou não ver em um mundo saturado de imagens e também a importância das emoções como elemento transformador da realidade se é que ela é a mesma para todos.

Referências:

## **Dicionário Filosófico**

(acessado: <http://www.youtube.com/watch?v=pDLN5xrFOyQ>)

CHAUÍ, M. Iniciação à Filosofia: ensino médio. Volume Único. São Paulo: Editora Ática, 2010.

SCHINEIDER, Meir & SCHINEIDER, D.& LARKIN, M. *O Manual de Autocura: Método Self Healing*. São Paulo: Triom, 1998.

Outros vídeos:

Adriana Calcanhoto – Música : “Oito” <http://www.youtube.com/watch?v=OxRXdi2hu2g>

Viviane Mosé – “Ser ou não – Aristóteles – ‘A Filosofia nasce do Espanto’” <http://www.youtube.com/watch?v=rHp5GXpbd0Q>

## **Grupo de Movimento – Faixa Ocular**

*Depois de ler o texto fazer o exercício da venda um menino e uma menina para experimentar o que são os objetos de olhos fechados isso trará novos estímulos.*

Parte prática: exercícios para o segmento ocular, alguns dos exercícios abaixo se encontram no livro *O Manual de Autocura: Método Self Healing*, e outros eu aprendi na formação em Análise Bioenergética.

Para se conectar com o corpo e os movimentos, o grupo deve inicialmente caminhar pela sala depois fazer alongamentos, identificar as tensões e soltar no alongamento ou massagear áreas muito tensas para deixar a percepção mais livre – fechar os olhos e tentar andar um pouco de olhos fechados.

Iniciamos em círculo para perceber melhor o corpo a imagem congelada e as tensões e movimentos articulares.

Exercício um - Balanço longo – “Fique de pé, com as pernas bem separadas, segure um dedo indicador diante de seus olhos, a cerca de 60 cm de sua face, e focalize-o. Depois, mova o dedo tão longe para cada lado quanto possível, seguindo-o com os olhos, movendo a cabeça de modo que o dedo esteja sempre à frente de seu nariz. Ao olhar seu dedo, veja tudo o que circunda se movendo na direção oposta (Pausa para percepção).

Depois de mover a cabeça de um lado para o outro, diversas vezes dessa maneira, continue o movimento, enquanto permite ao corpo seguir o movimento de seus olhos. Ao virar para esquerda, vire longe o suficiente para, na realidade, levantar o calcanhar direito do chão; ao virar para a direita, o calcanhar esquerdo vai se levantar. O propósito desse exercício é aumentar a sensação de movimento enquanto você olha.” (Schneider, 1998, p. 206).

Exercício dois - De pé com as pernas afastadas na mesma direção que os ombros, faça uma leve flexão dos joelhos, sinta a conexão dos seus pés com o chão. Podemos usar para esse exercício para estimular nossa visão e perspectiva duas canetas ou lápis. Estenda um dos braços o mais distante possível do rosto e mantenha-o na direção do seu nariz, o outro lápis ficará na metade da distância (no meio do caminho por assim dizer) e na mesma direção do nariz. Respire profundamente e pisque devagar, olhe para o lápis mais distante e foque nele. O que acontece com o lápis que está no meio do caminho? .... Agora respire e pisque devagar, e olhe para o lápis que está na posição do meio, faça uma pausa e observe o que acontece com o lápis mais distante? ... Pausa... Pisque devagar e olhe agora para um objeto mais distante do que os lápis e observe o que acontece...

O grupo inicia caminhando pela sala normalmente, depois calcanhar, depois lateral externa dos pés, parte de dentro, e ponta dos pés, depois calcanhar ... metatarso e ponta do pé com consciência.

Caminhando normalmente... A consigna agora é “congele” perceba seu corpo procure se conectar com o chão e feche os olhos e procure caminhar devagar com os olhos fechados... procure conectar mais seus pés com o chão... ande devagar...

Sinta o cheiro da sala... das pessoas ao seu redor...

Experimente escolher um para ser o guia e outro para ser o vai caminhar de olhos fechados... ande um pouco... depois trocar...

Exercício três – Pode se usar um barbante ou cordão de um metro em média. Em dupla cada um deve segurar uma ponta do barbante na direção da ponta do nariz. As duas pessoas devem ficar de pé com as pernas afastadas na mesma direção que os ombros, fazendo uma leve flexão dos joelhos, sentindo a conexão dos seus pés com o chão. Depois de achar a posição

correta estender o barbante para formar uma linha que vai de um nariz ao outro. Cada um deve fazer o procedimento, piscar devagar e respirar e olha na direção da ponta do próprio nariz... Pausa... agora olhar no meio da linha reta... Pausa... Olhar na direção do nariz do colega... pausa... O que acontece com a percepção da linha?

Pare um pouco.... Terminando vamos retornar ao círculo e em *grounding* e fazer o exercício de *palming* e deixar os olhos relaxarem em nossas mãos e deixar o calor das mãos passarem para os olhos para relaxar.

## Questionário da aula

### Espanto e Estranhamento, admiração ou curiosidade?

Nome:..... n. .... série:.....

- 1) Como ficou seu corpo depois dos exercícios? Algum deles alterou sua percepção?
- 2) Como ficou sua visão no exercício do lápis ou caneta?
- 3) No exercício do barbante como ficou sua percepção, quais foram as formas ou letras que conseguiu identificar?
- 4) Sobre o exercício “caminhar de olhos fechados” e “ser um guia”, você já tinha percebido a importância da sua visão ou refletido sobre a questão da cegueira?
- 5) Como seria relacionar a cegueira física com a postura dogmática ou muito fechada sobre a realidade que vivemos?
- 6) A partir do texto e da sua experiência comente. Por que o espanto faz parte do processo de busca pela verdade?
- 7) Você já passou por alguma situação em que sua reação foi primeiro a achar “estranho”? Considera essa reação preconceituosa ou ingênua depois desse trabalho em sala?
- 8) Pense em alguma situação em que a maneira de tratar ou o ponto de vista sobre um assunto pode gerar conflito.
- 9) Você já tinha percebido a importância da sua visão ou refletido sobre a questão da cegueira tanto fisicamente como do ponto de vista do conhecimento sobre alguma coisa ou assunto?
- 10) Depois dos exercícios e do documentário comente a afirmação: “o que vejo no mundo é como vejo o mundo”.

**Em grupo comente sobre as questões e registre a discussão do grupo**

Como os membros do grupo geralmente se relacionavam com essa questão da perspectiva ou pontos de vista diversos? Depois dessa discussão com base na questão filosófica do “Espanto”, dos exercícios e do documentário essa percepção continuará igual ou colaborou para uma reflexão sobre como vemos o mundo e os outros?

Como o grupo pode elaborar uma defesa pela tolerância e respeito à diversidade?

## **8 – TERCEIRO ENCONTRO: CONVERSANDO A GENTE SE ENTENDE?**

Conflitos e mal entendidos sempre ocorreram na sociedade humana, e buscar um acordo por meio da comunicação e a racionalidade sempre foi uma alternativa para acalmar os ânimos e chegar a um acordo razoável para as partes divergentes.

Aristóteles defendeu em sua obra *A Política* (§ 1253a) que “o homem é um animal político”, para ele faz parte da natureza humana a sociabilidade. Nas palavras de Aristóteles: “Agora é evidente que o homem, muito mais que a abelha ou outro animal gregário, é um animal social. Como costumamos dizer, a natureza nada faz sem um propósito, e o homem é o único entre os animais que tem o dom da fala. Na verdade a simples voz pode indicar a dor e o prazer, e outros animais a possuem (sua natureza foi desenvolvida somente até o ponto de ter sensações do que é doloroso ou agradável e externá-las entre si), mas a fala tem a finalidade de indicar o conveniente e nocivo, e, portanto também o justo e injusto; a característica específica do homem em comparação aos outros animais é que somente ele tem o sentimento do bem e do mal, o justo e do injusto e de outras qualidades morais, e é a comunidade de seres com tal sentimento que constitui a família e a cidade.” (Aristóteles, 1985: 22)

A crença de que a razão e nossa ‘natureza’ racional é capaz de solucionar os conflitos humanos é ilustrada na teoria do contrato social. Para os contratualistas antes dos homens viverem na sociedade ou estado civil a humanidade vivia num estado de natureza.

Para o filósofo contratualista, Jean Jaques Rousseau, no estado de natureza os homens são bons e vivem livremente. A teoria do ‘bom selvagem’ que surgiu em 1755, defende que a maldade dos homens advém da organização social que por suas regras impõe aos homens à servidão, a crítica rousseauiana à sociedade moderna e alertava os homens da exploração do homem pelo próprio homem (Fortes, 2007). Rousseau iniciou sua obra *O Contrato Social* defendendo que “o homem nasceu livre e por toda parte ele está agrilhado” (Rousseau, 1999: 9). O direito do mais forte sobre o mais fraco naturalmente ameaça a convivência pacífica entre os homens. Como os homens poderiam conviver entre si sem perder sua segurança e liberdade? Esse é “o problema fundamental cuja solução é fornecida pelo contrato social” (Idem: 20), que tem a seguinte cláusula: “Cada um de nós põe em comum sua pessoa e todo

seu poder sob a suprema direção da vontade geral; e recebemos, coletivamente, cada membro como parte indivisível do todo” (Idem: 22).

Outra forma de se pensar a natureza humana ficou famosa na frase: *Homo homini lupus* – “o homem é o lobo do homem” é uma expressão em latim que foi criada por Plauto (254-184), mas que ficou famosa com o contratualista Thomas Hobbes. Para esse filósofo no estado de natureza não há igualdade, mas a guerra de todos contra todos. No pensamento hobbesiano, os homens egoístas buscam satisfazer suas próprias necessidades e acabam estabelecendo o direito do mais forte sobre o mais fraco, mas os mais fortes também não ficam em paz devido à esperteza dos mais fracos. Dessa forma, fortes e fracos vivem em constante estado de alerta. O estado de natureza é marcado pela insegurança e angústia da ameaça constante à paz, como estabelecer à paz e a segurança? Para Hobbes, “as paixões que inclinam o homem para a paz são o temor à morte violenta e o desejo de tudo o que é necessário a uma vida confortável” (Leviatã, Parte I, cap. XII). Para protegerem o direito de propriedade e a segurança, os homens racionalmente fazem um acordo mútuo, nesse *pacto social* eles concordam em abandonarem o poder de ‘fazer justiça com as próprias mãos’ a favor de um Poder Soberano que é o Estado. A cláusula do pacto seria: “cedo e transfiro meu direito de governar a mim mesmo a este homem, ou a esta assembleia de homens, com a condição de que transfiras a ele teu direito, autorizando de maneira semelhante todas as suas ações”. O papel do Estado é garantir os direitos básicos dos cidadãos e manter a paz e a segurança.

Outros contratualistas modernos como John Locke e Immanuel Kant também tem uma forma de ver a natureza humana e se apoiam no acordo racional ou contrato social como a passagem dos homens do estado de natureza para a sociedade civil.

No século XX, a filósofa contemporânea Hanna Arendt ao escrever sobre a condição humana não a pensa mais em termos de natureza humana, porque desde Santo Agostinho a filosofia mostrou a impossibilidade dos seres humanos de definirem sua própria natureza. Para Hannah Arendt, qualquer esforço para definir a natureza humana cairia em algum tipo de metafísica, semelhantes as ideia platônicas, o que devemos pensar é sobre as condições da existência humana (cf. Arendt, 2010: 11-13). E a capacidade de se comunicar está compõe o panorama humano que é no processo da vida ativa, esse processo foi pensado por Hannah Arendt como tendo três aspectos: o trabalho, a obra e a ação.



Nossa discussão de hoje não busca fazer uma análise na história da filosofia sobre a comunicação e a linguagem, mas nosso objetivo aqui é apresentar uma questão: É possível pensar em seres humanos que não se comunicam? A comunicação faz parte da nossa condição humana? A nossa capacidade de pensar e nos comunicar é capaz de mediar e resolver nossos conflitos? Depois de fazermos a dinâmica em grupo vamos relacionar a vivência com os conceitos filosóficos.

ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: Editora da Unb, 1985.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. *Rousseau: O bom selvagem*. 2007.

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ROUSSEAU, J. J. *O Contrato Social*. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. “O Homo Faber e Mundanidade do Pensamento Político de Hannah Arendt”. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas: Papyrus (acessado em: [www.fe.unicamp.br/vonzuben/homofab.html](http://www.fe.unicamp.br/vonzuben/homofab.html))

Sites: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/hobbes.htm#ixzz3JLiOdS00>

## **Grupo de Movimento – “Conversando a gente se entende?” – A Faixa Oral**

Colar no início da aula dois cartazes, um com a frase: “o bom selvagem” e outra com a frase “o homem é lobo do homem”.

Começar com a imagem de si... Consigna: Perceba as tensões do seu corpo, onde fica mais tenso no seu corpo?...

Fazer uma massagem nos olhos e recuperar um pouco do que foi feito na oficina anterior.

Ao massagear a região da boca estimular o grupo a fazer careta...

Alongar e mover as articulações...

Caminhar na sala com consciência...

Recuperar durante a caminhada os aspectos do bom selvagem de Rousseau e relacionar isso com a consigna falada em voz alta: O BOM SELVAGEM - “andar de peito aberto”

CONSIGA Hobbes – “o homem é o lobo do homem” – andar desconfiado... Acelerar... Nunca dar as costas...

Parar um pouco e relaxar e caminhar sem as consignas e começar cumprimentando os colegas com os olhos...

Depois mantendo a distância...

### **ENCONTRAR DUPLAS**

Relembrar a postura do grounding e exercício da invasão, só que a consigna agora é “Pedir e negar”... Um membro da dupla pede e o outro nega... Depois são invertidos os papéis, o que pediu passa a negar e vice e versa.

Pergunte depois da troca: O que é mais difícil para você? Pedir ou negar?

Exercício em trio: Estrangeiro, o nativo e o tradutor. O estrangeiro fala uma língua incompreensível para o nativo, dessa forma a presença e a tradução são fundamentais. Todos os membros do trio devem experimentar ser o tradutor...

Finalizar com todos de volta para o círculo. No fim um mensageiro para dar uma mensagem para o grupo

Reunir o grupo e fazer a *mandala* em *grounding* mãos a lateral toca a mão do colega com leve pressão – estar presente no corpo e em grupo...

## **Questionário do Encontro: ‘Conversando a gente se entende?’**

Primeiro fazer o desenho final e responder as questões

- 1) Após ler o que Aristóteles definiu sobre o home e a comunicação, você concorda com o autor? Comente
  
- 2) Qual a semelhança entre o pensamento de Hobbes e Rousseau e em que eles se diferenciam? Comente
  
- 3) No exercício de grupo foi mais fácil andar com a consigna do ‘bom selvagem’ ou ‘o homem é lobo do homem’? Comente
  
- 4) No exercício de pedir e negar o que foi mais difícil? Comente
  
- 5) Você conseguiu captar alguma coisa da fala do seu amigo no exercício de falar numa língua estranha? Comente.
  
- 6) No exercício do tradutor o que foi mais fácil de fazer? Traduzir, ser o estrangeiro ou ser o nativo?
  
- 7) Nossa capacidade de pensar e nos comunicar é capaz de evitar a violência e resolver os conflitos? Comente.

## 9 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este tópico é uma breve apresentação e análise dos depoimentos obtidos por meio dos questionários. Antes de tudo cabe ressaltar que a ‘magia’ dos encontros só foi possível por causa do vínculo, expresso na participação dos alunos na proposta. Esse voto de confiança foi fundamental para que mesmo com a resistência, comum aos trabalhos de corporais, esse processo fizesse parte da trajetória de “Filosofia e Movimento”.

Para verificarmos a aprendizagem foram aplicados os questionários presentes no final de cada encontro que se encontra no capítulo anterior desse trabalho. Abaixo selecionamos alguns depoimentos que procuram verificar a aprendizagem dos estudantes, a partir da nossa proposta que inclui a consciência corporal e o trabalho de grupo como um elemento fundamental no processo de sensibilização. Preservei as palavras dos estudantes e mantive sigilo sobre o nome de cada menino ou menina que participou, bem como mantive a citação entre aspas, como de costume, para ser fidedigno ao relato.

No encontro em que relacionamos a falta de contato com o corpo e as sensações com a intocável Caixa de Pandora. Exploramos a questão do toque e do limite e o *grounding* foi apresentado como um recurso capaz de nos dar sustentação e esperança para seguir em frente, mesmo em situações desafiadoras. Após os exercícios e a leitura do texto uma das alunas comentou: “Entendi que devemos usar mais o tato, e parar um pouco com o individualismo”. Outra estudante comentou sobre o exercício de limite sobre a importância de se ter um limite de espaço, para não invadir o limite do meu próximo”.

Os meninos inicialmente apresentam muita resistência ao trabalho corporal e até desqualificam inicialmente. Um dos garotos que inicialmente demonstrou resistência para se levantar e participar do grupo de movimento, ao poucos foi se integrando na dinâmica. No final do processo disse ter sentido a necessidade de encontrar seu espaço, ele escreveu: "Devo batalhar pelo meu espaço na vida".

Para apresentar o *grounding*, eu chamei uma estudante e realizei um teste de percepção para comparar a diferença na percepção entre simplesmente estar de pé e a mudança de percepção depois de entrarmos em *grounding*, conforme descrito no grupo de movimento sobre esse tema. Sobre o *grounding* uma estudante comentou: "Que todos temos nosso espaço e limite e que não percebemos tanto as coisas, pois andamos sempre nas

nuvens". Outra estudante relatou a seguinte percepção: "com o enraizamento nossa base estrutural fica mais forte (...) meu corpo ficou mais alongado, flexível e senti leveza no corpo". Outro estudante disse: "senti grande diferença na sustentação corporal e mais segurança". Uma das meninas relacionou a firmeza da postura com a esperança dizendo: "eu tenho esperança e sou capaz de ficar firme". Na semana posterior a aplicação dessa oficina uma das estudantes me disse que se lembrou do *grounding* durante a semana e que tinha ajudado numa situação de estresse quando voltava do trabalho quando se desequilibrou num ônibus que estava muito cheio.

Sobre o segundo encontro que é dedicado à questão do espanto e sua relação com a faixa ocular. Foi realizado uma relação entre a flexibilização da faixa ocular com a expansão dos nossos pontos de vista, bem como a aceitação das diferenças que se apresentam aos nossos olhos, tanto do ponto de vista físico, mental e social. Essa flexibilidade nos leva a uma postura mais aberta e menos preconceituosa sobre a diversidade humana. Uma das estudantes comentou como ela se sentia antes dos exercícios: "estava cansada, mas depois dos exercícios eu fiquei mais relaxada". Outro disse: "Meu corpo despertou um pouco". Já outro menino comentou que "ficou relaxado o corpo (...) ficou mais aguçado ao tato". Um dos estudantes que participou da dinâmica de ficar de olhos vendados e também da atividade em dupla sobre guiar o companheiro que andava de olhos fechados comentou: "pensei como é difícil para os cegos não poderem ver as belezas da vida". Essa sensibilização prévia foi aprofundada quando as questões sobre a tolerância e a diversidade foram introduzidas.

Ao relacionar com a questão da diversidade uma estudante escreveu: "eu acho que a maioria das nossas reações é preconceituosa, não é só o que a gente vê na TV, a gente tem um pré-conceito de tudo, uma ideia formada antes da gente conhecer aquilo e isso é um preconceito". Outra estudante relatou: "Meus pais me ensinaram a nunca roubar, agredir, e o que mais vejo no mundo é isso, roubos, agressões etc. (...) o mundo é completamente diferente do mundo como pensava".

Uma estudante refletiu sobre questão do senso comum da seguinte forma: "É como se a pessoa dogmática não enxergasse que às vezes a sua religião, partido político (...) não sejam realmente certos ou únicos". Já outra também ficou atenta sobre o direito que cada um tem de ter suas opiniões respeitadas: "Quando as pessoas têm ideias diferentes elas devem ser respeitadas; porque existe a liberdade de expressão".

Sobre o encontro em que apresentamos a relação entre a faixa oral e a questão da linguagem e comunicação como fundamental para vida em sociedade, com o título: “Conversando a gente se entende?” Um dos estudantes comentou: "Como seres humanos (...) deveríamos ser capazes de evitar conflitos, apenas com a comunicação". Uma das estudantes disse: "a violência não é a resolução dos nossos problemas". Nesse encontro uma das coisas que mais chamou a atenção e também movimentou o grupo foi o exercício do estrangeiro, pois eles perceberam que existe algo além do significado das palavras na linguagem, como o gesto a postura corporal, o tom de voz, entre outras coisas. Por fim, como essa oficina também era nossa última aula, quando fizemos o círculo eu propus que um estudante se candidatasse a ser estrangeiro e um a ser tradutor, mas o objetivo agora é passar uma mensagem de despedida para a sala. Foi muito interessante, porque a menina que foi a tradutora relatou que mesmo sem compreender racionalmente a língua do estrangeiro ela sentia mensagem, e o estudante que foi o estrangeiro relatou a mesma coisa. Nos depoimentos escritos questionários, um dos estudantes escreveu: "a comunicação gera a capacidade de se entender um com o outro sem perder a razão".

Em 2014, como essa oficina foi nosso último encontro. Após o exercício mencionado acima, pedi para os estudantes manterem o círculo, mas solicitei que todos ficassem de costas para a roda. Nessa posição, todos se deram as mãos enquanto todos se mantinham de costas para o centro da roda, o desafio colocado era o de acharem uma forma de se virarem de frente da roda sem soltarem as mãos... Quando todos estavam de frente uns para os outros eu perguntei ao grupo: Se essa turma tivesse uma canção qual seria? O grupo demorou um pouco, mas chegaram a uma canção em que todos participaram e foi muito emocionante, a música “Só os Loucos Sabem” do compositor Chorão e Thiago Castanho da banda Charlie Brown Jr. confesso que me emocionei muito, pois a letra da música foi cantada por todos e carregada de significados. Foi uma forma expressiva que foi além dos conceitos filosóficos e nos conectou com nossa despedida. E esse projeto que era só um sonho encontrou naquele grupo a possibilidade de existir e vibrar sobre a forma dessa canção:

*Só os Loucos Sabem* (Chorão e Thiago Castanho – Charlie Brown Jr.)

“Agora eu sei exatamente o que fazer

Bom recomeçar, poder contar com você

Pois eu me lembro de tudo, irmão

Eu estava lá também

Um homem quando está em paz

Não quer guerra com ninguém

Eu segurei minhas lágrimas

Pois não queria demonstrar a emoção

Já que estava ali só pra observar

E aprender um pouco mais sobre a percepção

Eles dizem que é impossível encontrar o amor

Sem perder a razão

Mas pra quem tem pensamento forte

O impossível é só questão de opinião

E disso os loucos sabem

Só os loucos sabem

Disso os loucos sabem

Só os loucos sabem

Toda positividade eu desejo a você

Pois precisamos disso nos dias de luta

O medo cega os nossos sonhos

O medo cega os nossos sonhos

Menina linda, eu quero morar na sua rua



Você deixou saudade

Você deixou saudade

Quero te ver outra vez

Quero te ver outra vez

Você deixou saudade

Agora eu sei exatamente o que fazer

Vou recomeçar, poder contar com você

Pois eu me lembro de tudo, irmão

Eu estava lá também

Um homem quando está em paz

Não quer guerra com ninguém”

Foi um dia atípico. Para finalizar essa oficina, eu contei com o apoio do professor de Química, Dimas Mineiro. Ele ficou fora da sala e somente observava, mas ao ouvir a canção começou a gravar aquele momento, e isso foi registrado em forma de vídeo editado com a ajuda do estudante Danilo Freitas. O vídeo foi colocado em forma de DVD que se encontra junto a esse trabalho, a trilha sonora é a música que representa o grupo. Um outro vídeo também foi feito apenas com a música apresentada num show dessa banda, e no final os estudantes são surpreendidos, porque aparecem ele cantando. O vídeo foi apresentado na formatura no final do ano e todos cantaram novamente.

Além do vínculo fortalecido entre os estudantes da turma, pode-se dizer que a partir dos resultados que tivemos nos depoimentos dos alunos após a aplicação dos questionários dos encontros, que os pressupostos da Análise Bioenergética e o Grupo de Movimento foram importantes como recurso pedagógico capaz de realizar uma absorção mais profunda dos conteúdos que envolvem as questões filosóficas abordadas nos encontros. De certa forma pode-se dizer que as contribuições advindas da discussão de base junguiana realizada com a

colaboração do Prof. Dr. Adilson colaboraram para realizar uma interface com o pensamento de Jung especialmente no que diz respeito ao processo de individuação entendido não como um processo de aperfeiçoamento do indivíduo, mas de realização do ser em todas as suas nuances (Von Franz, 1964: 162). Podemos mencionar aqui, por exemplo, a relação positiva realizada pelos estudantes entre o *grounding* não apenas como postura corporal, mas como a esperança sustentada a partir do corpo e da realidade. Ou na relação entre os exercícios de relaxamento da faixa ocular e a nossa capacidade de relativizar o olhar e deixarmos os preconceitos de lado, bem como a conexão entre os exercícios para a faixa oral que liberam nossa expressividade e nossa habilidade de buscar por meio da linguagem um acordo razoável e tolerante.

Os três encontros já realizados tiveram ótima repercussão com a turma em que o projeto foi desenvolvido. Consegui, em 2014, produzir um vídeo gravado em DVD que acompanha essa monografia. Nesse vídeo é interessante perceber a qualidade de vínculo que os estudantes apresentaram, especialmente na música que escolheram como sendo a música da turma. Em 2015 apliquei pela primeira vez a oficina “O Espanto ou Estranhamento: Admiração ou Curiosidade”, para um grupo de professores de Filosofia na última reunião de orientação técnica na Diretoria de Ensino Campinas Leste, e a repercussão foi muito positiva. Esse trabalho não tem um ponto final, porque continuarei desenvolvendo essa pesquisa no meu doutorado na Faculdade de Educação da Unicamp, e isso significam verificar a pertinência das contribuições das técnicas da Análise Bioenergética como uma forma interativa de abordar a aprendizagem não apenas intelectual, mas integral (corpo, mente, emoções), tanto na formação dos professores como na dos alunos.

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do RG: \_\_\_\_\_ autorizo meu(minha) filho(a) \_\_\_\_\_ nascido em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_ a participar da aplicação do questionário para a avaliação intelectual, criativa e psicomotora. Os testes a serem realizados envolvem alguns exercícios corporais leves que estimulam um aumento na percepção das sensações corporais e sua conexão com as questões da aula de Filosofia, com o objetivo de conectar as questões filosóficas ao cotidiano dos alunos. A administração e correção destes testes fazem parte do conjunto de atividades que compõem a elaboração da monografia para conclusão do curso de especialização em Psicoterapia Corporal/Análise Bioenergética do Instituto Ligare de Psicoterapia Corporal, que é credenciado ao IIBA – International Institute for Bioenergetic Analysis.

A atividade será realizada ao longo do segundo semestre de 2014, sendo que os testes serão administrados em 5 encontros, de 50 minutos cada, aproximadamente. O responsável pela aplicação dos mesmos será o professor de Filosofia Joviniano J. R. Oliveira, aluno do Instituto Ligare de Psicoterapia Corporal, sob supervisão das professoras Maria Christina Soares e da Prof. Mestra Odila Weigand, as quais são responsáveis pela orientação da monografia. Não existem riscos psicológicos na participação desta atividade, por estas atividades serem geralmente percebidas como agradáveis pelos adolescentes.

Salientamos que essa aplicação servirá para avaliação do aluno de Análise Bioenergética e não dos adolescentes em questão, na reunião de pais do final do ano o aluno em questão se dispõe a dar informações sobre o desempenho geral da turma, não podendo fornecer resultados que possam caracterizar uma avaliação da função cognitiva dos adolescentes.

Esclarecemos que não existem quaisquer despesas envolvidas nesta atividade. Informamos, também, que a identidade do seu(sua) filho(a) será preservada em qualquer comunicação sobre os resultados da pesquisa que poderá ser divulgada para fins científicos.

Caso concorde com a participação de seu(sua) filho(a), queira assinar abaixo em duas vias deste Termo de Consentimento, devolvendo duas e conservando a terceira em seu poder.

Gratos pela sua colaboração,



Orientadora: Odila Weigand CRP: 06/13.353-SP

Aluno: \_\_\_\_\_

Nome do responsável: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do responsável

## BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ALBERTINE, Paulo. *Reich: História das ideias e formulações para a Educação*. São Paulo: Ágora, 1994.
- ALVES, J. P. & CORREIA G.W.B. *O corpo nos grupos: experiências em Análise Bioenergética*. Recife: Libertas. 2004.
- BRENNAN, Barbara Ann. *Mãos de luz: um guia para a cura através do campo de energia humana*. São Paulo: Pensamento, 1997.
- BOLSONI, Betania Vicensi. “O Cuidado de Si e o Corpo em Michel Foucault: Perspectivas para uma Educação Corporal não Instrumentalizadora”. *Anais do IX ANPED SUL*. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Acessado em: 20/07/2014.
- CAMARA, Vinícius A. “Do Corpo ao Incorporal ou da Estrutura aos Fluxos Desejantes”. *Reich: O Corpo e a Clínica*. São Paulo: Summus Editorial, 1999.
- CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Atenas, 1990.
- CAPRA, Frijof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CHILDRE, Doc; HOWARD, Martin; BEECH, Donna. *A solução Heartmath*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CONGER, J. P. *Jung e Reich: o corpo como sombra*. São Paulo: Summus. 1993.
- CORBIN, A; COURTINE, J; VIGARELLO, G. *História do Corpo: As Mutações do Olhar. O Século XX (v.3)*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- DAMAZIO, Antônio R. *O Erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é Filosofia?* São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2013.
- DESCARTES, R. *O Discurso do método*. São Paulo: Martins Fonte, 2001.
- FEITOSA, Zoraida Maria Lopes. *A questão da unidade e do ensino das Virtudes em Platão*. São Paulo (Tese USP), 2006.

- FOUCAULT, M. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade: o cuidado de si* (v. 3). 10.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 3.<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- \_\_\_\_\_. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FREUD, S. *Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna* (1908). (Coleção: Standard Brasileiro das Obras Psicológicas Completas, v. 9). Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- \_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização* (1930). (Coleção: Standard Brasileiro das Obras Psicológicas Completas, v. 21). Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Esboço de psicanálise* (1938). (Coleção: Standard Brasileiro das Obras Psicológicas Completas, v. 23). Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- GAIARÇA, José Ângelo. *Reich*:1980. São Paulo: Ágora, 1982.
- GALLO, Silvio. *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- \_\_\_\_\_. “A Filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade”. *Ethica*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 17 a 35, 2006.
- \_\_\_\_\_. “Sensibilização”. DVD: *Filosofia no ensino médio: elementos didáticos para a experiência filosófica*. São Paulo: Paulos, 2007.
- GAMA, Maria Ercília Rielli & REGO, Ricardo Amaral. *Grupos de Movimento*. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae. 1996.
- GUNTHER. Bernard. *Sensibilidade e relaxamento*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- JESUS, Adilson Nascimento de. *Vivências corporais: proposta de trabalho de autoconscientização*. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 1992.
- JUNG, Carl Gustav. *O Homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho; Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- \_\_\_\_\_. *O Eu e o Inconsciente*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia e alquimia*. Petrópolis. Vozes, 1990.

- \_\_\_\_\_. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis. Vozes, 2000.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- KLEIN, Melaine. *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KOHAN, W.O; LEAL, B; RIBEIRO, A. (orgs.). *Filosofia na escola pública*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KOHAN, W; GALLO, S. (orgs.). *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LIPTON, H. Bruce. *A biologia da crença*. Butterfly: São Paulo, 2012.
- LOWEN, Alexander & Lowen, L. *Exercícios de bioenergética: o caminho para uma saúde vibrante*. 5.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ágora, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Alegria: A entrega ao corpo e à vida*. São Paulo: Summus, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Espiritualidade do corpo: Bioenergética para a beleza e a harmonia*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Medo da vida: caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo*. 7.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Summus, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Amor, sexo e seu coração*. São Paulo: Summus, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Narcisismo: negação do verdadeiro self*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O corpo em Terapia: a abordagem bioenergética*. 7.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Summus, 1977.
- \_\_\_\_\_. *O Corpo traído*. São Paulo: Summus, 1979.
- \_\_\_\_\_. *O corpo em depressão: as bases biológicas da fé e da realidade*. São Paulo: Summus. 1972.
- \_\_\_\_\_. *Prazer: uma abordagem criativa da vida*. São Paulo: Summus, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Bioenergética*. São Paulo: Summus, 1982.
- MARTINS, Joel e BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: EDUC/Moraes/PUC-SP, 1989.
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. Lisboa: Avante, 1993.
- MATURANA, H. & VARELA, F. *De Maquinas e Seres Vivos: autopoiesi – a organização do vivo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MONTAGU, Ashley. *Tocar: O significado humano da pele*. São Paulo: Summus, 1988.
- NIETZSCHE. F. W. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Linoart, 1992.
- NOBREGA, Terezinha Petrucia. “Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty”. *Estudos de Psicologia*, 2008, 13 (2), p. 141 -148. ISS (versão eletrônica): 1678 – 4669. Acessado em 01/06/2015 em: [www.scielo.br/epsic](http://www.scielo.br/epsic).
- OECH, Roger Von. *Um Toc na cuca*. São Paulo: Cultura, 1995.
- OLIVEIRA, Joviniano J. R.A *Questão da Estabilidade na Teoria da Justiça de John Rawls*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Filosofia e Movimento: conceito, corpo e consciência*. Monografia CBT. Americana: Ligare, 2015.
- \_\_\_\_\_. “Encontrando um Lugar para o Corpo: Se tornou o Corpo a Caixa de Pandora?”. Blog: [www.filosofiaemovimento.tumblr.com](http://www.filosofiaemovimento.tumblr.com). Acessado: 06/01/ 2014
- PIERRAKOS, John C. *Energética da Essência (Core Energetics): desenvolvendo a capacidade de amar e curar*. São Paulo: Pensamento, 1993.
- PINTO, Júlia Paula Motta de Souza & JESUS, Adilson Nascimento. “A Transformação da Visão de Corpo na Sociedade Ocidental”. *Motriz*, Revista de Educação Física. UNESP (Rio Claro). Vol. 6, n. 2, p. 89-96.
- PIZZI, Laine Maria Alves. *O Corpo Adolescente na Educação: Percepções relatadas por adolescentes a respeito da interferência da aplicação de exercícios de bioenergética na aprendizagem escolar*. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Instituto de Educação. Lisboa, 2014.
- PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Abril Cultura, 1972.
- REICH, Wilhelm. *O assassinato de Cristo*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O combate sexual da juventude*. Porto/Portugal: Dinalivro, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Paixão de juventude - Uma Auto Biografia*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A função do orgasmo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Análise de caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

WAGNER, Claudio de Mello. *Freud e Reich: Continuidade ou Ruptura?* São Paulo: Summus, 1996.

RODRIGUES, Sandra Regina. *Corpo deficiente e Individuação: um olhar sobre as pessoas com deficiência física adquirida a partir da psicoterapia breve de orientação junguiana*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2009.

SANTOS, Cláudia Fusco. *Grupo de Movimento: uma promoção de bem estar para a terceira idade*. Monografia para CBT. Americana, 2006.

SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SAVATER, R. *As Perguntas da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SOARES, Christina de Souza. *Motivação e sensibilização na educação: a prontidão emocional do educador*. Monografia CBT. Americana: Instituto Ligare, 2004.

TOLOSA, Dora Elisa R. *Com afeto*. São Paulo: Segmento, 2003.

VOLPI, José Henrique e VOLPI, Sandra Mara. *Práticas da psicologia corporal aplicadas em grupo*. Curitiba: Centro Reichiano, 2001.

WEINGAN, Odila. *Grounding e autonomia: a terapia corporal Bioenergética revisitada*. São Paulo: Person, 2006.

WILBER, K. *O paradigma holográfico*. São Paulo: Cultrix, 1982.